

1º lugar pré-mirim

Icaro Jacob Kozenevskas

A cidade Bem Legal

Estava jogando futebol no campinho perto de casa quando Dona Gaivota passou voando baixinho e perguntei para onde ela estava indo. Ela me disse assim:

- Vou para a Cidade Bem Legal você conhece?
- Não eu não conheço.
- Quer vir comigo nesta aventura?
- Quero sim!

Dona Gaivota abriu as asas para eu subir e com um vôo rasante chegamos rapidinho na cidade Bem Legal!

Lá era tudo lindo: os rios limpinhos sem poluição, as árvores verdinhas sem nenhum desmatamento. Lá não tinha crianças sem mães e nem senhores na rua sem terem o que comer e nem onde tomar banho. Todos tinham suas casinhas coloridas cheia de flores no jardim, não tinha brigas e nem bandidos. Era tudo muito lindo!

Fiquei curioso para saber quem era a chefe daquele lugar.

A gaivota então me disse:

- É a presidenta, você quer conhecer?
- Quero sim!

A gaivota me levou até a presidenta e quando ela se virou eu tomei um susto!

- Oi mamãe você é a presidenta da cidade Bem Legal?
- Sim meu filho, sou Eu!

Pois é, não teria pessoa melhor pra fazer uma cidade Tão Legal que nem a minha mamãe! Ela é a minha rainha!

- Filho lembra porque está na hora de ir para escola!

Puxa foi só um sonho! Ainda não tenho a cidade Bem Legal mas a dona presidenta ainda é a minha mamãe rainha que me lembra com beijinhos todos os dias!

2º lugar pré-mirim

Júlia Eduarda Simionato da Silva

Godofreda

Godofreda era uma menina muito curiosa.

Um dia ela saiu correndo atrás de um gato, o gato subiu no telhado e pulou no quintal da vizinha. Ela foi fazer a mesma coisa, quando ia pular no quintal da vizinha escorregou e caiu dentro de uma caverna que ficava do lado esquerdo da casa. Ela viu um clarão e quando olhou melhor viu uma cidade bem diferente com casas sem portas pessoas passeando, conversando, crianças brincando.

Ela fez amizade com algumas crianças que estavam no parque. Quando estava brincando apareceu uma bruxa horrível, ela correu, mas as crianças daquela cidade continuaram brincando e ela começou a gritar: - Olha a bruxa! Ela vai pegar vocês!

Foi então que outras crianças que estavam afastadas do parque disseram:

- O que está acontecendo com você?

Godofreda começou a chorar e dizer que a bruxa iria pegar todo mundo. As crianças explicaram para ela que aquela cidade era diferente, as bruxas salvavam todos que estavam em perigo e ninguém conseguia sentir medo porque elas apareciam na hora que precisavam delas. Tinha as fadas que abriam portas mágicas nas casas assim as pessoas e crianças viviam sempre protegidas e quando a fada madrinha aparecia todos sabiam que alguém estava procurando briga.

Godofreda muito curiosa perguntou: - E aí o que acontece com essa pessoa? As crianças disseram: - Fazemos uma reunião na praça, a fada madrinha aponta quem é a pessoa que está procurando a briga e então nós a fazemos jurar que nunca irá fazer isso. Depois do juramento ela sai pedindo desculpa para todas as pessoas da cidade, e tudo volta como antes.

Quando as crianças terminaram de falar Godofreda ouviu bem distante alguém gritando o nome dela, percebeu que era sua mãe. Saiu da caverna e viu a família dela procurando por ela.

Godofreda acreditou que um dia iria mudar a cidade dela para uma cidade melhor, igual a da caverna.

3º lugar pré-mirim

Isabelly Cristina Carneiro da Costa

O sonho encantado

Eu estava em uma praia, triste, muito triste, porque as pessoas estão violentas e não se respeitam mais. Comecei a desenhar na areia o lugar que eu gostaria de morar. De repente olhei para o céu e vi uma gaivota, ela se aproximou de mim e me convidou para conhecer um lugar quase igual àquele que desenhei na areia. Eu perguntei se este lugar existia e ela me disse que sim, então peguei uma carona nas suas asas, e por várias horas ficamos voando, foi muito emocionante.

Até que enfim, chegamos nesse lugar. As casas ficavam em cima das nuvens, não tinham portas. As pessoas eram felizes, não tinham medo de nada e todos se respeitavam e não brigavam.

Algumas crianças me convidaram para brincar de pula pula nas nuvens. Todos estavam descalços, mas eu estava de tênis. Fiquei tão feliz, de tanto pular, acabei perdendo um tênis. Fiquei desesperada, com medo que minha mãe ficasse brava e comecei a chorar. Nesse instante conheci uma amiga que se chama Clarinha e ela me disse que naquele lugar nunca ninguém pode chorar e que se as minhas lágrimas poderiam derreter as nuvens e cidade desapareceria.

Parei de chorar no mesmo instante, pois eu queria ficar morando lá, e assim fiquei por muito e muito tempo.

O tempo passou e a saudades dos meus pais aumentavam. Senti que chegou a hora de dizer adeus. O vento veio de mansinho, parecia compreender a minha tristeza e sem fazer barulho ele me levou para uma montanha encantada, bem pertinho das estrelas, peguei carona num rabo de foguete e cheguei rapidinho na minha casa, e nos pés apenas um tênis.

Meus pais me abraçaram bastante, minha mãe até chorou de emoção, nem ficaram bravos que perdi um tênis. Comecei a contar essa aventura que vivi, mas eles não acreditaram em mim, disseram que dormi na praia e que foi um sonho.

Seria tão bom se o mundo fosse igual aquele lugar, as pessoas poderiam dormir com as portas abertas, todos se respeitariam, afinal precisamos de pouco para sermos felizes.

4º lugar pré-mirim

Marcos Alexandre Garcia Toschi

A cidade chata

Era uma vez uma cidade calma, sem janelas e todas as portas tinham ido embora.

As pessoas não se preocupavam mais em tomar ar, pois todos os lugares das portas e janelas ficavam sempre abertos. As pessoas passavam frio, calor e quando tinha uma tempestade todos se molhavam. Acho que era por isso que as pessoas de lá não brigavam, todos estavam preocupados em se proteger do frio do calor e das chuvas.

As pessoas não sentiam medo porque não tinha aranhas perigosas, ratos e ratazanas, baratas e serpentes venenosas, girafas bravas, tubarões com vontade de comer pessoas em suas refeições, os caranguejos não beliscavam os bumbuns e as zebras não apostavam corridas. Eles sempre mansos passeavam e cuidavam da cidade.

E eu estava naquela cidade calma com muito frio sentindo saudade das portas e das janelas da minha casa, foi quando acordei e vi que estava descoberto e minha coberta estava no chão.

Peguei minha coberta me cobri e pensei: ainda bem que não existe cidade igual a do meu sonho, acho que ia ser muito chato.

5º lugar pré-mirim

Giovana de Castro Pontes

“Uma cidade mágica”

Numa bela tarde eu estava na praça, quando gaivotas me levaram para o céu. Um portal se abriu e a cidade dos meus sonhos estava bem na minha frente, ela era muito linda e mágica.

Lá não existia portas, paredes, medos, nem pessoas más, lá era tudo perfeito

Uma menina se aproximou e se apresentou para mim como Viviane e apresentou seu irmão também, chamado Miguel.

Eles me deixaram ficar com eles até que eu voltasse para casa.

De repente, um vento forte, muito forte, quase me levou junto com Viviane pelos ares, mas Miguel nos segurou e nos salvou. Esse vento veio do Planeta Ventania, então perguntei para Viviane:

- Viviane, existe alguma lenda sobre esse planeta?

Viviane então respondeu:

- Sim, antigamente aquele planeta era alegre e encantado, mas um rei chamado Sombra condenou o planeta e todos os seus moradores a virarem estátuas de gelo e somente o coração de cristal poderia derrotá-lo. Desse dia em diante o planeta passou a ventar, assombrar e condenar todas as pessoas boas.

- Como o rei Sombra conseguiu escapar?

- Eu não sei, mas sei que ele vai fazer a mesma coisa com outros planetas.

Então resolvemos procurar o coração de cristal e salvar o planeta.

Fomos para a caverna de gelo, pois a lenda dizia que o coração de cristal estaria lá.

Chegamos e o guardião do coração e entregou para nós.

Sombra travou uma guerra com o coração de cristal e foi vencido.

Em seguida a cidade toda se transformou em alegria, amor e amizade.

Todos passaram a viver em paz e com muita alegria. Era um mundo sem medo.

Daí em diante fiquei feliz e pedi para o coração de cristal para me mandar de volta para casa, e num segundo já estava lá.

No dia seguinte fui para a escola e contei toda minha aventura para minha professora ela pediu que eu a levasse para aquele mundo mágico e eu a levei, mas essa já é outra história.

6º lugar pré-mirim

Henrique Fernandes Calza

Uma cidade diferente

Era uma manhã de verão ensolarada, o céu estava azul. Eu andava de bicicleta na praia quando vi uma gaivota a voar no céu. Fiquei pensando como seria bom se eu pudesse voar como ela e conhecer um lugar bem diferente. Fechei os olhos e comecei a imaginar esse passeio.

- Ei, amiguinho, quer voar comigo?

- Claro que sim! – respondi alegremente.

Foi só eu dizer isto e asas nasceram em mim. Quando vi já estávamos voando lá no alto.

Viajamos algum tempo até que chegamos a um lugar encantado. Era uma cidade muito diferente de todas que já vi. Não havia casas nem prédios. Todos viviam juntos em um enorme castelo sem portas. As pessoas eram do mesmo tamanho. Nenhum rei mandava nelas e ninguém brigava. Viviam em harmonia com os animais e a natureza.

Fiquei admirado com aquele lugar e perguntei para a gaivota:

- Como é possível assim?

Quando ela ia me responder ouvi um trovão e a chuva logo começou a cair. Foi então que eu acordei de um sonho e fiquei curioso para saber o que aquela ave ia me dizer.

Seria muito bom se existisse de verdade uma cidade como aquela.

7º lugar pré-mirim

João Pedro Bertola

A cidade dos meus sonhos

Em uma boa tarde a professora Márcia deu uma aula de artes, quando eu derrubei um pingo de tinta no papel e falei:

-Será que estragou o meu papel?

Então o pingo foi se abrindo e se transformou em uma linda gaivota azul, que falava, ela me convidou para fazer uma aventura mágica, eu aceitei, subi em cima dela e voamos até uma cidade que eu já vira, com castelos coloridos, suas casas pequenas e todo o seu povo nas ruas cantando e dançando feliz, a gaivota me disse que nessa terra não existia violência, tristezas e que todo o povo vivia feliz se ajudando mutuamente.

Fiquei encantado era o lugar que eu sonhava viver, pensei porque todo o mundo não pode ser assim?

Infelizmente a gaivota disse que já era hora de voltarmos, fechei os olhos e ao reabri-los já estava de volta à sala de artes. Será que foi sonho, não sei, tudo que sei é que estava decidido a ajudar a transformar o meu mundo, num lugar melhor.

8º lugar pré-mirim

Vitória Jobstraibizer

Jardim encantado

Naquele dia tudo parecia diferente, ao abrir a janela do meu quarto pela manhã e sentir o cheiro das flores do meu jardim, senti muita vontade de mexer na terra e regar as rosas e margaridas.

Antes de fazer qualquer outra coisa fui para o jardim e como num passe de mágica apareceu uma linda gaivota, na mesma hora me lembrei da música "... uma linda gaivota a voar no céu", desejei voar com aquela ave.

Muito rápido comecei a voar e juntas subimos bem mais altos do que as nuvens até chegarmos num jardim com muitas flores que nunca tinha visto antes. Naquele jardim havia várias crianças, já parecia ser noite e as mães não chamavam seus filhos para entrarem em suas casas, ao ver as casas percebi que não haviam portas. Que lugar seria aquele?

Senti cair uma gota de água bem gelada no meu rosto e vi que aquilo não passava da minha imaginação. Imaginar em viver num jardim encantado.

9º lugar pré-mirim

María Eduarda Hanna

A cidade dos sonhos

Era uma cidade que não tinha brigas porque todos tinham um coração de ouro puro.

E não precisavam de portas, de cadeados, de correntes, porque todo mundo se respeitava, não prejudicavam ninguém e nem incomodavam os cantos das outras pessoas. Os medos fugiram e não havia tristeza, as pessoas gostavam de cantar, dançar, e de ajudar as pessoas que precisavam.

As meninas vestiam-se com saias longas e cheias de vida, blusas de princesas e com os pés no chão, elas dançavam e cantavam o dia inteiro.

Os meninos vestiam-se com bermudas jeans, blusas colorida e descalços dançavam com as meninas.

A cidade tinha muitas flores coloridas e sortidas. Todos os dias, as pessoas desta cidade colhiam as flores para enfeitar e também replantavam as mesmas flores para nunca faltar o colorido e o cheiro gostoso que deixavam na cidade.

As pessoas alimentavam-se com tudo que elas plantavam, tudo fresquinho e gostoso.

Essa cidade dos sonhos, poderia existir se todos colaborassem.

10º lugar pré-mirim

Namíbia Lourenço Mota e Silva

O reino encantado

Era uma vez vinte meninas que moravam no reino das aves, dentro do castelo dourado.

Neste reino tinha muitas aves que voavam e acendiam suas luzes, porque lá era um lugar todo escuro.

Um dia, uma das meninas, que se chamava Cleo, resolveu ir com a sua cobra de estimação, Cleuri, até o reino ao lado, que não tinha portas.

Lá ela viu que as crianças que moravam ali não brigavam e não tinham medo, porque naquele reino todos eram bondosos com os animais, e os animais também eram bondosos com as pessoas.

Ali, as pessoas só queriam brincar, por isso elas eram muito felizes.

E um dia, até os animais quiseram brincar também!

As meninas que moravam no reino das aves saíram para procurar a Cleo e a sua cobra Cleuri.

Quando chegaram ao reino sem portas, acharam lindo, e perguntaram para a Cleo:

- Cleo, a gente pode se mudar para aqui?

A Cleo disse:

- Meninas, não dá para a gente se mudar para cá, porque eu gastei todo o dinheiro construindo o castelo dourado!

- Mas Cleo, se a gente vender o castelo, pode comprar uma casa aqui, porque aqui não tem brigas, todos são amigos de todos e a gente pode viver feliz.

Cleo então disse:

- Tá bom, meninas.

Elas se mudaram para a nova casa no reino encantado e viveram felizes para sempre.

11º lugar pré-mirim

Nicolý Valente Nogueira

A cidade feliz

Era uma vez uma cidade muito distante e muito linda, mas que não tinha portas, nem brigas, nem medos, era a melhor cidade para se morar e para se viver.

Nessa cidade havia poucas pessoas, mas todas eram muito felizes, inclusive as crianças. As casas desta cidade não tinham portas e nem

portões, mesmo assim não havia roubos, as pessoas se conheciam e se amavam.

Com o passar do tempo essa cidade ficou muito conhecida, as pessoas de outras cidades queriam conhecê-la, com isso o presidente do país onde a cidade ficava foi conhecer e viu que todos eram felizes e não tinham medo de nada, como ele viu que isso era bom deu uma ordem para todas as outras cidades tirarem as portas de suas casas e pediu para as pessoas serem boas umas com as outras, com isso em todos os países havia casas sem portas com pessoas que não brigavam e também tinham medo.

Esta ideia que partiu de uma pequena cidade, mudou um país e se espalhou deixando todo mundo feliz.

12º lugar pré-mirim

Maria Eduarda Arantes Lino

O vôo da gaivota

Era uma vez, uma gaivota que voava feliz no céu, porque no céu não tinha maldade. Quando olhou para baixo viu uma menina triste no pequeno quintal de sua casa, pois não podia sair para brincar por causa dos perigos da rua. Então a gaivota apareceu e disse:

- menina, porque você está triste?

A menina respondeu:

- eu queria sair para brincar sem medo.

A gaivota pensou bastante e disse:

- se você quer brincar sem medo, venha comigo num lugar mágico, que você poderá brincar livremente.

A menina respondeu com alegria:

-Oba! Então vamos – a menina em sua imaginação voou e brincou no céu. Quando voltaram, a gaivota disse:

-você sentiu ser livre, então pratique e ensine sempre o bem para que o mundo possa ser feliz. Se todo mundo fizer o bem pra si e para o próximo, o mundo poderá não ser perfeito, mas será melhor que hoje.

1º lugar mirim

Davi Picarelli Perez da Silva

O som da felicidade

Era uma vez, em um reino muito distante, um rei chamado Amargus. Ele vivia em seu castelo de pedras geladas, construído num vale onde não se via o brilho do sol.

Amargus não gostava de sair de seu castelo, pois achava que o sol podia fazê-lo envelhecer. Não conversava com as pessoas, pois achava que poderia ser contaminado por alguma doença. Os empregados que viviam em seu castelo não chegavam perto dele, pois ele não permitia contato nenhum.

As pessoas que viviam naquele reino, apesar de não ter contato com o rei, o amavam muito, pois Amargus dava ao povo qualidade de vida, salários justos aos trabalhadores, escolas boas para as crianças e um parque gigante cheio de coisas para que as pessoas pudessem se divertir.

Como amavam ao rei e queria vê-lo feliz, o povo se reuniu e decidiu tentar mostrar a ele a felicidade. Então, diariamente, ao nascer do sol, faziam passar ali uma banda que tocava músicas alegres.

Como Amargus nunca tinha saído na janela ficava ouvindo e imaginando de onde aquele som tão prazeroso podia sair. A cada dia, pensava em algo diferente, mas não conseguia descobrir. Ele começou a ficar tão curioso que certo dia decidiu espiar por uma fresta da janela.

Resolveu acordar cedinho e ficar ali encostado na janela esperando aquele som lindo começar.

Enquanto esperava, começou a sentir um calor tão bom que aquecia seu corpo sempre gelado. Era o sol que batia na madeira da janela. Sentiu também um perfume gostoso que vinha de fora. Eram as flores da varanda. Ouviu o som dos pássaros, que ficavam voando em sua varanda todos os dias. Tudo aquilo o fez sentir as mais gostosas sensações nunca experimentadas antes.

Envolvido naquelas novas e gostosas sensações, começou ouvir de longe aquele lindo e misterioso som. De olhos fechados e muito envolvido, sentia aquele som se aproximando e seu coração começou a encher de alegria que antes nunca havia sentido.

Naquele momento, se esqueceu de tudo. De seus medos e seus costumes e abriu a janela para ver tudo aquilo.

Quando abriu a janela todo o povo começou a gritar feliz, aplaudir e dançar. Ele sem entender muito aquelas reações, mas envolvido numa felicidade imensa, sorriu pela primeira vez.

Olhando para aquela multidão, de um por um, parou em uma jovem linda, de cabelos longos. Não sabia o motivo, mas naquele momento o seu coração começou a bater mais forte e uma imensa vontade de se aproximar dela veio em seu ser. Sem pensar em nada, desceu as escadas do castelo, e chegou até a multidão que o abraçou. Ele amou a sensação de ser abraçado e de tocar nas pessoas.

Andou por aquelas pessoas, até que encontrou a jovem que procurava. Quando a viu de longe, os dois sorriram e imediatamente correram em direção um do outro e se abraçaram. Pela primeira vez aquele rei recebeu um beijo apaixonado.

Daquele dia em diante, nunca mais ficou triste pois todos os dias passeava pelo reino com sua amada noiva, conversava com as pessoas e era feliz por tê-las com ele.

Como se amavam muito, os dois se casaram e viveram felizes para sempre.

2º lugar mirim

Graziela Vargas de Sousa

A tristeza do rei Jorge II

Era uma vez num reino muito distante.

Lá morava um rei chamado Jorge II, ele vivia com sua amada rainha Elisabete e também com sua querida filha Aurora.

Só que o rei tinha um sério problema, ele nunca sorriu na vida. Jorge II era muito triste e todos faziam de tudo para que o rei desse uma gargalhada. Eles trouxeram palhaços, pessoas que contam piadas, animadores da festa, mas de nada adiantava.

Um dia, a rainha lhe perguntou:

- Meu rei por que tu és tão triste?

E Jorge II falou?

- Eu não sei. Falou ele choramingando.

Elizabeth lhe fez outra pergunta:

- Você não se lembra de nada? Ou de como e quando aconteceu isto?

Então ele falou?

- Lembrei o que aconteceu!

- O que lembrou? Disse a rainha contente.

O rei então começou história:

- Há muito tempo atrás, antes do nosso casamento, apareceu uma bruxa muito má que disse assim: "Se você não se casar comigo nunca será feliz". Eu me recusei, então ela falou: "Quando você for se casar e que der meia noite, serás triste para sempre".

- No dia seguinte, eu fui procurar a bruxa e ela me disse: "O feitiço só se quebrará quando você vestir uma blusa de uma pessoa muito feliz, só que tem uma coisa, você nunca se lembrará disso.

Elizabeth então saiu do quarto do rei e falou ao mensageiro que buscasse uma pessoa feliz e com ele, que trouxesse também uma blusa.

Vários dias depois, o mensageiro trouxe seu Joaquim, um carpinteiro muito feliz e muito honrado, e com ele sua única blusa. O rei então colocou a veste e de repente, Jorge II começou a dar risadas e todos ficaram impressionados com a alegria dele.

- Hoje eu declaro que é feriado e que todos podem vir à minha festa! E como recompensa seu Joaquim lhe doou 500 moedas de ouro e disse a ele:

- Não majestade, felicidade não se compra. Eu só quero sua amizade! O rei concordou e daquele dia em diante, nunca mais ficou triste e viveu feliz para sempre.

3º lugar mirim

Gabriel Grapeia Roncada

O Reino da Felicidade

Era uma vez um rei chamado Gabriel, que vivia em um reino poderoso e luxuoso, na cidade de Pirlimpimpim.

Na sua juventude, Gabriel era apaixonado por uma jovem chamada Lara, que fazia parte dos empregados do castelo. Porém os dois sofriam preconceito por causa da enorme diferença social. A família do rei não aceitava.

Devido essa diferença, os dois se encontravam escondidos por muito tempo. Até que um dia, eles foram vistos juntos e então toda família de Lara foi expulsa do reino. E nunca mais se encontraram.

O tempo passou e Lara e sua família se tornaram donos de um circo muito respeitado naquele país. Enquanto isso o rei Gabriel se tornou um homem triste, de poucas palavras e muito solitário. E nunca mais se apaixonou por ninguém. O rei vivia apenas com os empregados do castelo e sempre foi humilde e generoso com todos.

Por gratidão seus empregados tentavam sempre o agradar, com jantares, musicais e festas no reino. Só que nada o fazia realmente feliz. Um dia os empregados souberam que havia um circo na cidade, e resolveram contratar um espetáculo especialmente para o rei.

No dia do espetáculo todos do reino foram convidados a assistir, haviam muitas pessoas, e todos ansiosos para ver se o rei se alegraria. Tudo foi lindo, todos ficaram maravilhados, inclusive o rei demonstrou entusiasmo e emoção. Logo após o espetáculo o rei sempre atencioso e gentil fez questão de cumprimentar a todos do circo pela maravilhosa apresentação. Faltava apenas uma integrante que estava um pouco distante, mas o rei se aproximou para parabenizá-la, quando ela se virou seus olhares cruzaram no mais intenso brilho e emoção. Era Lara, que para surpresa do rei por um acaso do destino estava ali. Eles se abraçaram e ali ficaram por horas conversando.

E então o rei se reencontrou com a felicidade perdida, Lara. No mesmo dia o rei pediu Lara em casamento. A alegria era plena, e contagiava a todos.

Eles se casaram no mesmo mês. Lara deixou o circo, para se tornar a rainha de Pirlimpimpim. E com isso a alegria tomou conta daquele reino. Eram feitas muitas festas sempre com a presença do lindo picadeiro do circo da família de Lara. O rei se tornou o homem mais feliz do reino. Seu sorriso era contagiante. O que deixava todos muito alegres e felizes.

E assim viveram felizes para sempre no reino da felicidade.

4º lugar mirim

Ana Beatriz Zanella

Felizes para sempre

Era uma vez um reino onde só havia festas e muita alegria, o rei deste reino gostava muito de crianças e sonhava em ter muitos filhos. Neste mesmo reino havia também uma bruxa, ao contrário do rei, ela detestava crianças, tinha os seus motivos. Quando a bruxa era pequena, sua mãe não a deixava brincar, estudar, passear, comer doces. Era só trabalhar, trabalhar e trabalhar.

Então, a bruxa cresceu revoltada. Certo dia, durante uma festa que o rei fez para as crianças, a bruxa se incomodou muito com os risos, ela não suportava ver ninguém feliz, principalmente as crianças. Resolveu que ia acabar com a alegria do rei, lançou o feitiço da tristeza dizendo:

____ Há, há, há!! Este é o último riso que ouvirão, a partir de hoje enfeitiço este reino. As crianças não vão mais sorrir, os adultos não terão mais filhos e você, rei, não dará mais festas.

O rei ficou muito, muito triste, logo ele que sonhava ter tantos filhos, desde então, quem reinou foi a tristeza. Todos ficaram desesperados, com tanta tristeza não haveria mais festas, então, começaram a fazer de tudo para o rei e as crianças se alegrarem novamente. Mais o que fazer?

Todos os dias os súditos traziam diante do rei várias possibilidades que fizessem ele sorrir. Trouxeram músicas, mágicos, danças, palhaços... De nada adiantou, o feitiço era irreversível. Mais qual seria o antídoto para esse mal? Até então, ninguém sabia.

Em um reino distante dali houve uma guerra, uma família fugia apressada afim de proteger seus filhos pequenos, na fuga, seguiram pelo caminho que levariam até o reino enfeitiçado. Quando chegaram, apesar de cansados estavam felizes. Foi uma surpresa para aquele povo tão tristes e desanimados.

O conselheiro do rei correu apressado para dar a notícia, quem sabe o rei ficasse feliz, nada aconteceu. Então, o povo se reuniu e contaram a família sobre o feitiço. As crianças recém chegadas se interessaram pela história, gostavam muito de aventuras.

João, Bia e Luiza resolveram que ajudariam a fazer o rei sorrir, afinal, eles estavam ansiosos por uma festa, após uma fuga, não pegava nada mal. Foram até o castelo e recitaram versos, contaram piadas, cantigas de roda e nada! Então, pararam, pensaram e Bia perguntou:

___ Porque será que a bruxa não gosta de crianças?

___ Isso só ela pode nos dizer. Respondeu João.

As crianças se olharam e decididos partiram a procura da bruxa, caminharam até a montanha, não foi difícil encontrá-la. A bruxa assustou-se, como poderia existir crianças felizes? É o que ela deve ter pensado.

Antes de serem atacados pela bruxa, Bia foi logo dizendo:

___ Dona bruxa é tão bom ser criança. Você já foi uma?

A bruxa ficou furiosa, gritou:

___ Como ousa fazer essa pergunta? E desabou a chorar ao lembrar da sua triste infância. As crianças aproveitaram para mostrar para a bruxa que mesmo sendo grande, adulto, sempre tem uma criança dentro de cada um.

A bruxa entendeu, então, resolveu acompanhar as crianças até o castelo, desfez o feitiço e no mesmo instante se transformou em uma linda fada. Com o fim do feitiço o rei e as crianças voltaram a sorrir, os casais podiam ter filhos e tudo voltou ao normal.

O rei, muito feliz decretou:

___ De hoje em diante, todos os dias haverá uma festa para as crianças do reino. Porque toda criança tem o direito de nascer, crescer, aprender, amar e viver muito feliz.

E todos foram muito felizes, até a bruxa, quero dizer: A FADA.

5º lugar mirim

Beatriz Larissa de Souza

O rei e seus cristais

No reino Fortaleza, um rei muito famoso que se chamava Leonardo III, tinha um castelo muito grande, todo de ouro, que era o mais bonito de todos os castelos e toda vez que ele dava um sorriso, surgiam cristais muito brilhantes nas paredes.

Infelizmente, havia muito tempo que isso não acontecia, desde que o rei perdeu seus pais que foram visitar seu tio, o príncipe Ernesto, irmão de seu pai. O barco que eles estavam foi atacado por piratas para sequestrar o rei Leonardo II, que também tinha o poder de fazer aparecer cristais através de seu riso. O rei que era muito valente, lutou com os piratas e foi morto junto com sua esposa.

A partir desse dia, o rei Leonardo III foi coroadado, mas nunca mais voltou a sorrir, esquecendo-se do seu povo que passou a ser muito triste também.

Passaram-se muitos anos e, uma noite, um dos conselheiros do rei, que não aguentava mais ver aquele reino que já tinha tão rico e próspero acabar daquele jeito, convocou todos os cidadãos de Fortaleza para comparecerem à praça e começou seu discurso:

___ Cidadãos, vocês sabem que vosso rei é um homem muito triste que nunca sorri e que nosso reino está cada vez mais pobre, triste e abandonado. Estou aqui para lhes dizer que tudo isso pode mudar, porque o rei tem um poder maravilhoso, pois quando sorri, surgem cristais muito brilhantes nas paredes do castelo. O povo ficou de boca aberta e o conselheiro continuou dizendo:

___ Precisamos fazer o rei ficar feliz novamente, senão nosso reino vai se acabar. Então, quem conseguir fazer o rei voltar a ser feliz e sorrir, ganhará uma recompensa de cem mil reais. Vamos comecem a trabalhar!

No dia seguinte, foi um palhaço ao palácio e fez muitas palhaçadas e todos riram menos o rei, que imediatamente ordenou que o prendessem e disse bem alto para todo mundo ouvir:

___ Não quero rir, e que ninguém me perturbe mais.

No dia seguinte, dois homens foram até o castelo e o rei disse:

___ O que vocês querem?

___ Fazer o senhor rir com nossas piadas, Vossa Majestade.

___ Essa história de novo, não quero rir e nem que me perturbem. Guardas levem eles daqui!

Os homens, então saíram correndo pelo salão e quando eles passaram perto da poltrona do rei para tentar falar com ele, um dos soldados pegou uma bombinha e jogou nos pés deles e quando ela explodiu, eles levaram um susto tão grande que tropeçaram um no outro, dando uma trombada tão forte que caíram para trás assustados.

___ O rei, vendo aquela cena, não aguentou e começou a rir e riu com tanta vontade que não conseguia parar. Conforme ele ria, cristais iam surgindo em todas as paredes do palácio e em todo o reino.

___ O rei muito animado, convocou seus súditos e rindo muito disse:

___ Vamos meu povo, eu voltei a descobrir a alegria e quero que vocês também voltem a ser felizes. Vamos fazer uma grande festa para comemorar uma nova vida cheia de alegria e felicidade. Viva o reino de Fortaleza, que agora será próspero de novo.

6º lugar mirim

Pedro Henrique Silva Fonseca

O Reibótico

Era uma vez, um rei chamado Arthur que não queria nenhum tipo de contato com seus súditos. Ao invés disso, passava suas horas somente acompanhado da "tecnologia". Quando não era no celular, era no computador ou televisão. Somente através desses aparelhos é que transmitia as ordens do dia ao povo, sem nem conhecer o rosto de cada um deles.

Tratava seus súditos como a seus robôs, pois não havia nenhum divertimento e nenhuma alegria naquele reino; mas não pensem que sempre foi assim...

Há alguns anos atrás, este mesmo reino transbordava de alegria e vida. Aquele era o povo mais feliz da redondeza. E tudo acabou com a repentina morte da rainha, logo após o casamento.

E assim passaram-se os anos e o rei se aperfeiçoava cada vez mais em tecnologia e robôs, e o povo ficava cada vez mais triste e esquecido.

Em um certo dia, tocou a campainha: ding! dong! E um de seus robôs foi atender.

Era uma pessoa nova em seu reino, que não sabia de sua tristeza e resolveu fazer uma visitinha ao rei, que ficou furioso ao ouvir uma voz feminina, pois lembrou-se de sua esposa.

Dirigiu-se, então, ao encontro da moça com a intenção de expulsá-la dali, mas quando seus olhares se cruzaram, ficaram perdidamente apaixonados. A partir daí, o rei Arthur e Maria Elisabete (era esse o nome dela) não conseguiram mais ficar longe um do outro.

O tempo passou, e o rei foi aos poucos esquecendo a tecnologia e voltou a ser feliz, trazendo assim, mais felicidade ao seu povo. Pediu Maria Elisabete em casamento, que disse sim antes mesmo dele terminar sua declaração!

No dia seguinte aconteceu o casamento, e os noivos tornaram-se marido e mulher. A festa durou vários dias!

Uma semana depois, a rainha soube que estava grávida. Em exatos nove meses nasceu seu filho Luís Augusto, e junto com ele uma nova fase,

onde o rei voltou a celebrar a vida e o ser humano, e deixou de lado toda a tecnologia que dominava o reino.

E assim, seus súditos festejaram por todo o sempre a alegria da vida e o fim do domínio das máquinas.

7º lugar mirim

Joice Ellen Zambello Mendes

O presente mágico do rei

Num reino muito distante, mais muito distante mesmo, no meio de uma floresta encantada, cercada de árvores gigantescas, cortado por riachos de águas borbulhantes, morava um rei triste.

O rei passeava o dia todo olhando a imensidão de seu reino e suspirando de tristeza.

A rainha Tatiana já não aguentava mais ver aquilo. não podia mais viver naquela tristeza. Então teve uma ideia fabulosa. Daria uma enorme festa para o rei para mostrar que a vida era alegre , que no mundo havia muita felicidade.

Cartazes foram espalhados por todo o reino anunciando a grande festa.

O povo ao saber da notícia gostou muito e resolveram cada um levar um presente ao rei para alegrá-lo ainda mais no dia da festa.

Os preparativos começaram a todo vapor. A cidade começou a ser enfeitada. O local da festa seria a praça central. Tudo tinha que estar perfeito para o grande dia que se aproximava rapidamente.

Bandeirinhas coloridas foram penduradas, balões de diferentes formatos foram montados, uma mesa enorme foi preparada com um grande bolo de chocolate de três andares, muitos doces, sucos e refrigerantes e tudo mais que uma grande festa merecia.

A rainha, no palácio, também começou a preparar o seu presente especial.

Sentado em seu trono o rei continuava triste, mais começou a observar. Seus olhos se moviam devagar vendo a rainha passar devagar

indo buscar uma caixa colorida, depois indo pegar um laço de bolinhas. Os olhinhos do rei acompanhava a rainha de um lado para o outro.

A rainha estava toda feliz, entusiasmada, sorria, brincava com todos que encontrava em sua frente, sussurrava no ouvido das pessoas, abria um pouquinho a caixa e mostrava o que tinha dentro.

Os olhos do rei começaram a ficar diferentes, foi aparecendo devagarinho uma pontinha de curiosidade... que foi aumentando... que foi aumentando...

A rainha não percebeu nada e continuava os preparativos. O rei continuava observando, já não aguetava mais de tanta curiosidade. Até sorriu escondido imaginando o que tinha dentro da caixa.

E os dias passaram... e a curiosidade aumentava... e o dia da festa chegou!

Tudo pronto, tudo preparado o povo inteiro compareceu a praça para receber o rei e a rainha que chegavam na famosa carruagem real puxada por seis cavalos brancos.

O rei e a rainha desceram da carruagem e foram para os tronos no meio da festa. A música animada começou a tocar. Os convidados se anunciaram e foram dançar. Mais ninguém esqueceu do rei, um a um se aproximou do trono e entregaram seus presentes.

O rei abria as caixas, agradecia educadamente, mas continuava com o rosto triste.

Mas lá no fundo esperava o presente da rainha Tatiana.

Finalmente a rainha se aproximou, o rei estava esperando o presente, mas ela chamou-o para dançar.

Foram os dois dançar sendo observado por todos.

-----onde está meu presente, aquele que você preparou com carinho, perguntou o rei

-----curioso, querido, perguntou a rainha, só lhe dou o presente com uma condição, promete que ao abrir a caixa será feliz para sempre.

O rei olhou para a rainha, e concordou com a cabeça. Ela pegou a caixa e lhe deu. O rei abriu a caixa devagarinho e espiou lá dentro, sorriu o sorriso mais lindo do mundo tendo certeza que cumpriria a promessa. Voltou a espiar o seu mágico presente na caixa. Só ele e a rainha sabiam o que era.

8º lugar mirim

Gustavo Pavan de Andrade

Um Rei Infeliz

Era uma vez, num reino distante onde havia campos verdes e lagos cristalinos, céu limpo e sol brilhante não alegravam o Rei. O povo precisava fazer alguma coisa para que o Rei fosse feliz.

Então o padeiro do castelo propôs ao Rei que assistisse apenas programas de comédia na televisão, após uma semana isso traria a alegria de volta, o bastante para que a tristeza fosse embora para sempre. Depois de uma semana, e depois de assistindo um monte de programas de comédia o Rei continuava triste.

Então surgiu o carpinteiro do castelo, o Rei está sentado em seu trono e de cabeça baixa, ele se dirigiu a presença do Rei e sugeriu uma reforma geral do castelo. O Rei gostou da ideia e autorizou a reforma. O carpinteiro reuniu os melhores profissionais do reino e em pouco tempo reformaram todo o castelo. O Rei olhou, achou que o castelo ficou lindo, elogiou e agradeceu pelo trabalho dos seus súditos, mais também não deu certo e continuou triste.

Então a Rainha sugeriu uma longa viagem para o Havaí. Trinta dias em um hotel resort, com muitos shows de Ula-Ula e diversões fariam o Rei se divertir muito e isso faria a sua alegria voltar. Eles partiram mas o Rei não achou nada divertido e em apenas dois dias voltaram, o Rei continuava triste.

Um aldeão que fazia esportes radicais, propôs ao Rei emoções fortes, isso faria a sua tristeza ir embora. Então sugeriu uma escalada nas montanhas, haviam muitas montanhas próximas ao castelo. O Rei aceitou o desafio e partiu com o Aldeão para as montanhas, na volta o Rei estava exausto, e voltou ainda mais triste.

A tristeza do Rei contagiou todo o reino, todos estavam sem saber o que fazer para alegrar o Rei. Todos já haviam tentado alegrá-lo e nada que tentaram conseguia alegrar o Rei.

Um dia o Rei acordou após um sonho. Nesse sonho o Rei era feliz e o povo também. Então ele teve a ideia de alegrar ao seu povo. Quem sabe se o povo estivesse feliz poderia alegrá-lo também? E foi o que o Rei resolveu fazer. Fez de tudo para melhorar a qualidade de vida da

população, melhorou a saúde, a educação e promoveu festas com muita comida grátis. O povo nunca se sentiu tão feliz, mas mesmo assim, com tanta felicidade em sua volta, nada conseguiu contagiar alegria no Rei, e ele continuou triste.

Um dia, vários jovens mudaram-se para o reino. O Rei ficou sabendo dos novos moradores que chegaram sozinhos, sem os seus pais e ficou curioso para saber de onde vinham.

Mesmo com toda sua tristeza resolveu visita-los no abrigo onde estavam. Lá chegando, todos os jovens o receberam com muita alegria e contaram ao Rei que eram órfãos de guerra e que vinham de um reino que foi atacado por inimigos. O Rei ficou ainda mais triste quando soube o que houve com suas famílias.

Vendo tanto motivo para serem tristes e mesmo assim eles eram tão felizes, o Rei estranhou. Mas não perguntou o porquê de tanta felicidade. Uma pequena menina que viu a tristeza do Rei, veio até ele e o perguntou sorrindo, o porque dele estar tão triste. O Rei olhou para a menina, e sem resposta sorriu para ela.

A Rainha vendo essa cena percebeu que o que estava faltando para o Rei era a alegria de ter um filho e resolveu adotar a menina como sua filha. O Rei saiu do abrigo com a menina nos seus braços e sorrindo muito.

A partir desse dia a alegria do Rei contagiou todo o seu reino e foram felizes para sempre. Até hoje essa estória é contada nesse reino e serve de exemplo, para que todas as pessoas tristes não desistam de procurar um verdadeiro motivo para serem felizes.

9º lugar mirim

Lara Camilly Barberino

O Reino de Pandora

No reino de Pandora havia um rei que tinha uma linda família, uma esposa chamada Áurea e um filho chamado João. O rei tinha um computador que o ajudava a resolver os problemas do reino, mas ninguém conseguia aproximasse dele, pois ele acabava se isolando junto ao computador e se sentindo solitário, ficando deprimido e descolado.

Seu filho João reclamava que seu pai não dava atenção para ele, pois vivia na frente do computador dia e noite e sempre dizendo que estava vigiando o reino, mas na verdade estava obcecado pelo tal computador e acabava se esquecendo até mesmo da família.

Sempre que queria se divertir João, saía do palácio e aí brincar com as crianças pobres do reino, dizendo:

- Isso que é ter liberdade! Os pais de vocês são ótimos se preocupam em dar diversão a vocês, no meu caso eu tenho tudo menos diversão e pai.

Seu amigo Antonio, com dó do amigo por ter um pai ausente, disse:

- Porque você não conversa com seu pai, por mensagem, já que ele não sai da frente do computador, é o único jeito.

-Boa idéia – disse o Príncipe João.

Então ele escreveu tudo o que pensava para o pai, e enviou o recado por e-mail.

“Pai eu te amo, mas eu quero muito ser feliz, queria muito ter um pai de verdade, um amigo, que às vezes tivesse tempo para mim como os outros pais, assim eu iria me sentir como o seu computador.”

Quando o rei leu a mensagem, vindo de seu filho ficou muito triste consigo mesmo, se sentindo muito mal, vendo que não sabia de nada sobre seu filho. Então pediu ao seu conselheiro uma dica de como deixar seu filho feliz, o conselheiro tendo uma ideia disse:

- Da uma festa e convide todas as pessoas do reino.

O rei achou aquela uma ótima ideia. Indo conversar com seu filho não só sobre a festa mais também sobre seu relacionamento de pai e filho. Ao entrar no quarto de seu filho o rei o pediu perdão e pediu outra chance e prometeu que iria melhorar, o filho o desculpou e lhe deu outra chance e o rei organizou a festa para comemorar, não houve festa melhor do que aquela em todo o reino.

Depois daquele dia o rei passou a conviver com o seu povo e dar mais atenção ao seu filho, depressão e tristeza já não existia mais, agora era só felicidade e alegria!

10º lugar mirim

Maria Eduarda dos Anjos

O cachorro e o Rei

Era uma vez um reino muito distante cheio de diamantes, árvores e flores por todos os lados.

Lá vivia um Rei cheio de riquezas, mas ele era muito triste e solitário, nada conseguia alegrá-lo.

Há muito tempo ele havia perdido seu filho com uma doença grave e logo depois sua mulher pegou a mesma doença e morreu.

Depois desses acontecimentos, todos os habitantes do vilarejo ficaram tão abalados que tudo se tornou uma tremenda escuridão. Homens e mulheres andavam de cabeça baixa, as crianças não brincavam. Tudo pelo amor que tinham à Rainha que se foi. Até os diamantes perderam seu brilho, as folhas das árvores caíram e as flores murcharam.

O Rei não abria nem um sorriso, mesmo com todo esforço do bobo da corte contando suas piadas.

Até que um dia um menino chamado Gabriel, a única criança que conseguia encontrar alegria com seu animal de estimação, teve a ideia de levar um cachorro ao rei. Mas não poderia ser um cachorro qualquer.

Então começou a andar por todo o reino em busca do cão certo para Sua Majestade.

Numa tarde chuvosa, Gabriel caminhava pelo bosque e de repente ouviu um choro bem suave e foi em direção ao barulho.

Chegando lá encontrou um filhote de cachorro tremendo de frio, todo molhado e faminto. Na mesma hora ele disse:

- É esse que vou levar ao Rei – e se dirigiu ao palácio.
- Ao se aproximar, os soldados não deixaram ele entrar, então falou:
- Deixe-me entrar! Eu tenho a solução para a tristeza do rei!
 - Se é assim, então entre – disseram os guardas. E o levaram ao salão real.

O Rei recebeu Gabriel com uma tristeza enorme e disse:

- Todos vêm aqui só para me alegrar, mas nunca conseguem. E você, uma criança tão pequena como pretende fazer isso?

- Meu querido Rei, eu também fiquei triste com a morte da Rainha, mas eu não deixei de ser feliz, pois eu tenho um amigo de verdade que é o meu cachorro. Ele sempre me deixa contente. É por isso que eu trouxe esse cachorrinho aqui para o senhor.

- Está bem, vou fazer uma experiência e se eu não gostar vou te devolver – disse o Rei.

O Rei não estava gostando muito do cachorro, pois era xixi por todo lado! Cocô espalhado...era sempre um fedor enorme!

Dias passaram até que o Rei chegou a uma conclusão e resolveu devolver o cachorrinho.

No caminho, um outro cão estava vindo na direção do Rei, pronto para atacar. Então, como um herói, o filhote empurrou o Rei e o salvou.

Daí em diante, o Rei ficou com o cachorro, e nunca mais ficou triste. Agora em diante os habitantes podem festejar com muita alegria. As crianças voltaram a brincar; os diamantes ganharam seu brilho; as folhas das árvores não mais caíram; as flores já não murcham e lá não é mais uma tremenda escuridão.

O rei até aprendeu que o cachorro é o melhor amigo que alguém pode ter!

11º lugar mirim

William de Maria Rocha

A felicidade do rei

Era uma vez um rei que, antigamente, sem a tecnologia de hoje, era muito feliz. Ele podia ver e falar, pessoalmente, com todo seu povo. Podia olhar nos olhos de cada um, saber de seus humores e de suas confissões... Enfim, vivia muito feliz. Entretanto, com o decorrer do tempo, o rei foi ficando dentro de seu palácio, apenas convivendo com seus súditos e com a tecnologia comprada por ele.

Todo o povo via que o rei estava infeliz. Estava afastado de todos.

Os cidadãos estavam cansados de ver o rei infeliz e só usando o computador e celular para se comunicar. Deste modo, ficavam infelizes, também. Resolveram fazer um plano:

_ Vamos entrar no palácio, à noite, e cancelar todos os pedidos de computadores e telefones – disse João.

_ Mas como? Eles têm muita segurança eletrônica – disse a esposa de João.

Interrompendo a conversa dos dois, apresentou-se um jovem garoto que era da Assistência Técnica e disse-lhes:

_ Eu sei desconfigurar essas tais “seguranças eletrônicas”...mas para isso, tenho que fazer uma armadilha para pegá-los . Precisamos de rede, corda, luvas e chaves.

À noite, fizeram o que tinham planejado e cancelaram os pedidos e destruíram todos aqueles computadores e celulares. Utilizaram um rolo compressor para realizar isto.

No dia seguinte, quando o rei acordou teve uma surpresa com tudo o que viu. Convocou, imediatamente, todo o reino para saber o que acontecera.

Um porta-voz do povo disse-lhe:

_ Majestade, nestes últimos tempos, a tecnologia impediu-nos do contato pessoal entre nós e Vossa Majestade. Em nome do povo, digo que este reino é muito triste. Então, resolvemos acabar com toda a tecnologia que nos separava. Queremos mais festas, queremos estar mais juntos e presentes no dia-a-dia uns dos outros.

O rei falou logo em seguida para todos:

_ Poxa vida! É verdade! Que felicidade em saber que precisamos de pequenas coisas para sermos felizes. Posso, a partir de hoje, realizar mais festas, eventos e encontros neste reino.

E, a partir daquele dia, todo o povo ficou feliz e com esperança de o reino voltar a ser o que era antigamente.

A tecnologia, desta vez, foi expandida a todos, mas nunca deixaram de realizar grandes festas.

12º lugar mirim

Esther Maria Angelini

Um mundo feliz

Num belo país chamado Pazilândia, havia um rei muito rico que se chamava Rei Tristão. Ele tinha esse nome por algum motivo muito forte, mas ninguém sabia qual era este motivo.

Um dia um tal de Sr. Ajudanildo, com muita coragem foi ao reino e quando chegou na frente do rei perguntou :

- Eu vim aqui para perguntar porque o senhor é tão triste ?
- É que... é que eu nunca tive um amigo para expressar meus sentimentos ou até mesmo conversar por alguns momentos !!!!.

Com muita pena do rei, ele teve uma grande ideia e disse :

- Já sei !!!! o senhor gostaria de conhecer alguns amigos que eu tenho ?

O rei muito entusiasmado respondeu :

- Claro , vou adorar conhecer outras pessoas !

Chegando em um lugar muito colorido, com muitas flores, pássaros, frutos e árvores , o rei perguntou :

- Mas cadê os seus amigos ? Onde eles estão ?
- Eles estão chegando . Tenha paciência , meu rei – falou Ajudanildo.

Pouco tempo depois eles chegaram .

- Olha , estes são meus amigos ! Quero-lhes apresentar – falou Ajudanildo
- Prazer em conhecer todos – disse o rei.
- Olha, este é o Sr. Solidariedade, esta é a Sra. Alegria, este é o Sr. Harmonia, esta é a Sra. Compreensão e este é o Sr. Carinho , e tenho certeza, que eles irão te ajudar – disse Ajudanildo.

- Desculpa pela má educação , eu ainda não me apresentei , sou o Rei Tristão .

- Mas que nome feio, não é nome que se dá a um Rei . O nome tem que ser bonito e alegre não acha ? – disse a Sra. Alegria.

Ao caminhar , o Rei pediu um favor a seus novos amigos

- Senhores , eu preciso de um favor !
- Sim, então qual é ? disse todos com curiosidade .

- Cada um pode dar um pouquinho de cada coisa que vocês têm para mim? É que eu nunca tive amigos assim. Meu reino é muito triste, as pessoas são tristes e vivem com pressa. Vocês podem me ajudar ? Estou implorando !!! - disse o rei.

E o Sr, Solidariedade falou :

- Como sou generoso vou te dar um pouco de generosidade e bondade .

- Como sou alegre não vou te dar um pouco , mas vou te dar muita alegria – disse a Sra. Alegria.

- Como sou harmonioso vou te dar um pouco de harmonia em sua vida . Muitas cores, muita natureza, – falou o Sr. Harmonia.

- Como sou compreensivo vou te dar muita compreensão e entendimento - falou a Sra. Compreensão.

- Como sou carinhoso vou te dar muito amor e afeto – falou o Sr. Carinho.

Depois disso o rei de tão feliz que ficou por causa de seus presentes, promoveu uma grande festa para agradecer seus novos amigos. Chamou seu reino inteiro e quando todos os convidados chegaram o rei fez um discurso :

- De agora em diante meu povo, com certeza, vou ser um novo rei , mais contente , mais harmonioso , vou ajudar a quem precisar de ajuda e nunca se esqueçam , sejam amigos uns dos outros , sejam felizes igual a mim porque consegui amigos, amigos de verdade , que me fizeram sentir amado e a partir de hoje mudarei meu nome, de Rei Tristão para Rei Felizão.

O Rei ensinou a todos que é possível mudar e mudar para melhor, é preciso acreditar que no mundo existem coisas boas , pessoas boas , amigos de verdade !!!!!!!

1° lugar infantil

Amanda Quintale Rosa

Sempre sentado em sua cadeira de balanço, tão solitário, na varanda de sua casa, ninguém nunca deu atenção àquele senhor com tanta sabedoria, com seus cabelos bem brancos e suas rugas nos mostrando sua experiência, e o quanto já viveu. Eu sempre passava por lá quando estava voltando da escola, e somente o cumprimentava.

Um dia parei para pensar em como ignoravam aquele senhor, ele sempre tentava conversar com as pessoas que passavam por ali e nunca ninguém lhe deu atenção, não queriam perder tempo, não tinham o mínimo de respeito. Então, quando estava voltando da escola, decidi falar com aquele senhor, saber por que ele era tão solitário e com a aparência tão triste. Ele estava lá, no mesmo lugar de sempre, e eu disse: “boa tarde, será que eu poderia conversar com o senhor por um instante?”, e ele, com toda a simplicidade e doçura disse: “boa tarde menina, é claro, o que gostaria de conversar comigo?”. Perguntei o porquê de ele viver sozinho naquela casa, e ele disse que era pelo fato de sua esposa ter falecido e ele não ter filhos, e que não tinha muito contato com sua família.

Ele começou a me contar sobre sua vida, do passado, e me encantei com tudo aquilo que aquele senhor me contava, era como um livro de histórias, que abria minha imaginação, fiquei pensando em como aquelas pessoas que o ignoravam perderam a oportunidade de aprender mais a dar valor a vida com aquele humilde senhor de 94 anos, que com muito esforço e dedicação conseguiu uma vida de muita paz para ele e seu grande amor, mas infelizmente, como ele me disse “a idade vai chegar para todos, ninguém é imortal, então temos que aproveitar as oportunidades que nos surgem”.

Depois que conversamos, eu agradei a ele por ter me contado a linda história de sua vida, e ele também me agradeceu por ouvir suas sábias palavras, pois somente o fato de eu dar atenção ao que ele falava, já fez com que ele se tornasse uma pessoa mais feliz, e também agradeceu por eu cumprimentá-lo todos os dias, pois todos merecem respeito, mesmo sendo idosos, ou mesmo sendo crianças, todos temos direitos. Fui para minha casa, e contei aos meus amigos sobre esse senhor, muitos deles se interessaram por sua história e a cada dia, surgia uma criança nova na casa dele para que o senhor triste de antes, se tornasse o senhor mais alegre, ensinando assim para a nova geração, o valor da vida.

2° lugar infantil

Laura Pilan

Nunca havia sido de meu feitio refletir por longo período sobre as coisas que ocorriam em meu cotidiano. Os acontecimentos corriqueiros jamais me afetaram, portanto sempre segui em frente sem pensar muito sobre o passado. Era de se espantar que algo tão banal me colocasse nesse exato papel, portanto.

Havia acontecido em uma tarde qualquer, enquanto eu voltava do colégio presumindo que aquele seria um dia comum como os outros. Passava todos os dias pela mesma rua, na esperança de chegar em casa o mais rápido possível. Porém, graças a um estranho acaso, ela estava interditada. Acabei tomando um rumo diferente do usual, sem dar muita importância a isso naquele momento.

Ao mudar de caminho, me deparei com uma idosa que tentava equilibrar suas inúmeras sacolas de compras. Tinha grande dificuldade, mas resolvi não dar importância aquilo. Várias pessoas caminhavam por aquela rua, mas nenhuma parecia notá-la. Homens importantes andavam apressadamente com seus celulares modernos e desviavam dela como se sua presença incomodasse. Mulheres que teimavam em focar a ignoravam veementemente. Por que eu deveria me importar? Certamente que não devia.

Desviei da idosa como aqueles homens que muitos aspiravam ser e a ignorei como as mulheres que a maioria das crianças tinham como exemplo. Já estava longe o bastante dela quando escutei o barulho de muitos objetos caindo no chão.

Minha curiosidade fez com que eu virasse instantaneamente o rosto na direção do ruído, me arrependendo logo depois. As alças das sacolas que a pobre senhora portava haviam se arrebitado. Inutilmente, ela tentava recolher tudo da calçada, tendo mais problemas do que antes.

Talvez por instinto ou por outra coisa que não consigo definir, acabei correndo na direção daquela idosa que precisava de ajuda. Uma ajuda que as pessoas à volta pareciam ocupadas demais para conceder, mesmo que lhes custasse poucos minutos. A velha senhora olhou espantada para mim quando notou que eu a ajudava e logo depois sorriu. Um sorriso que, por mais estranho que pareça, fez tudo valer a pena. Assim que terminei de retirar as coisas do chão, reparei que aquela debilitada senhora exalava gratidão e que seus olhos brilhavam por trás das grossas lentes dos óculos que usava. Ela, porém, indagou algo que me surpreendeu:

- Se me permite perguntar, por que resolveu perder seu tempo me ajudando?

Eu esperava um agradecimento e, ao ver meu espanto, a anciã continuou:
- Não me entenda mal, doce criança. Estou grata por seu auxílio, não tenha dúvidas. É só que tenho passado por anos nessa mesma rua e não é a primeira vez que isso ocorre. Porém é, certamente, a primeira vez que recebo ajuda de alguém. Todos parecem ocupados demais para isso, com as tecnologias de hoje em dia e suas opiniões impertinentes sobre a vida alheia.

E então me senti envergonhada por ter pensado em tomar uma atitude tão egoísta quanto a daquelas pessoas. A idosa ainda aguardava uma resposta, portanto resolvi dizer:

- Sabe, eu só acho... Acho não precisamos de opiniões e conselhos como precisamos de ações e atitudes. Você estava aqui e... Precisava de mim. Para o meu espanto, a velha senhora sorriu satisfeita com o que eu havia lhe dito:

- É uma atitude muito nobre de sua parte, criança. Estou acostumada a andar pela cidade e ver as pessoas tratando coisas desnecessárias como se fossem importantes. Talvez, algum dia, elas percebam que não precisam de nada disso. Nenhuma dessas coisas fará falta. Elas precisam de coisas que não podemos ver ou tocar. São coisas que podemos apenas sentir. Precisam de carinho, gentileza. Precisam de amor e precisam amar. Isso sim e é o essencial e apenas quando o tiverem serão plenamente felizes.

Eu nem sabia seu nome, mas tinha certeza de que estava certa. Tendo conhecimento de que não era minha obrigação, ajudei a levar seus objetos. E fiquei feliz por fazer aquilo.

3° lugar infantil

Ana Beatriz Munarolo

As duas faces de um mesmo sentimento

Passeando por uma praça, distraída, contemplava o pouco do pôr do sol que podia enxergar com tantos prédios ao meu redor. Estava uma tarde bem calma, as ruas estavam desertas exceto por um vendedor de lanches perto de uma viela. Ele estava comendo um cachorro quente enorme, bem condimentado, o que explicava sua barriga também enorme e denunciava o que ele sempre fazia. Na rua ao lado, ouvi várias gargalhadas de adolescentes jogando futebol.

Olhando para cima, ouvi pássaros cantarolando e batendo as asas, num movimento sincronizado, e contemplei aquela cena durante alguns instantes. Resolvi fazer então o que mais gostava: desenhar.

Aquela cena era realmente inspiradora. Abri meu caderno, sentei-me num banco da praça onde um idoso com traços severos dormia e um homem mais novo e bonito, porém cansado, lia tranquilamente o jornal, e, assim, finalmente comecei minha obra de arte.

Quando terminei os retoques finais na obra, satisfeita, percebi que já era tarde, mas não queria voltar pra casa. O velho ao meu lado continuava em sono profundo, e o mais jovem agora ouvia vários sucessos em seu celular. Pensei em como deveria ser sua vida, mas resolvi sentar-me na sarjeta do outro lado da rua.

Estava perdida em pensamentos desconexos, quando um menino sentou-se ao meu lado. Ele tinha uma cara doentia e era muito magro,

suas vestes eram velhas e surradas e estava descalço. Ele parecia ter uns onze anos e olhou para mim, com seus olhos lindos, verdes e famintos.

Nunca havia estado perto de uma pessoa tão pobre, e minha primeira sensação foi de repulsa. Porém, percebi que não me faria mal. Pensei em como deveria ser a vida dele – tenho esse hábito - e fiz uma comparação com a minha. Eu não era tão rica, mas tinha dinheiro para comer e comprar o necessário para meu sustento, mas ele provavelmente não, e senti pena. Um menino tão jovem não ter um presente ou um futuro muito bom era triste. Nós nos fitamos por alguns instantes, e eu, um pouco insegura, cumprimentei-o. O jovem também ficou um pouco acanhado, mas também me cumprimentou, com sua voz rouca. Perguntei seu nome. Era Vinícius. Conversamos com muita espontaneidade até tarde da noite, e Vinícius me contou muitas coisas sobre sua vida, bem precária e limitada.

Contei-lhe sobre minha vida também. Contei que eu estava terminando a faculdade, e tinha muitos planos para o futuro. Já Vinícius nem ia à escola, mas fiquei admirada como ele era maduro e com seu bom papo. Vinícius conseguia enxergar as coisas boas da vida, era uma pessoa otimista e dava valor a tudo. “Seus pais devem tê-lo educado bem”, pensei, é difícil achar pessoas assim, mesmo com tantas dificuldades na vida. Vinícius contou que sua mãe trabalhava em casa, e seu pai, só voltava nos finais de semana, pois era um comerciante que ia de cidade em cidade divulgando sua mercadoria. Contou-me também, que, como era muito pobre, ele não tinha brinquedos eletrônicos, nem computadores, celulares e tudo o que hoje em dia chamamos de essencial. Disse que brincava com seus amigos de peão, pelota, brincavam em alguns parques, amarelinha, e tudo o que antigamente era comum, e eu, sinceramente, acho que as pessoas eram mais felizes, pois não tinham obrigações, estresse e se contentavam com o simples. Vini me contou sobre seus amigos, seu dia a dia, como sua mãe o educava com alguns livros e revistas que encontrava, mas, o que mais me intrigou, foi que ele ressaltou que prefere viver desse jeito a ser muito rico, pois ele acha que não seria tão feliz. Disse-me que tem tudo o que quer: amigos fiéis, uma família honesta, comida, uma habitação, mesmo que precária, e consciência de suas atitudes. Disse que sempre sonhou em proporcionar aos pais e aos colegas condições melhores de vida, e sempre sonhou também em expor suas ideias às pessoas, sendo um escritor, o que achei fascinante para um menino daquela idade.

Quando eram 20h, uma mulher baixa e magra, com cabelos embaraçados e um avental de cozinha, chamou Vinícius. Ele se despediu com um intenso sorriso para mim, o melhor e maior sorriso que eu já vira, que me fez encontrar a paz, e foi embora com sua mãe. Refleti sobre minha tarde, que foi muito prazerosa. Aquele garoto tinha me trazido muita alegria. Depois de um tempo, levantei-me e comecei a caminhar a passos leves. Aquela conversa havia me despertado um sentimento pouco exercitado na nossa atualidade: a solidariedade.

Uma emoção que eu nunca experimentara antes, porém, vivida por dois lados distintos. Era intrigante e inexplicável saber que minha ação para ajudar o próximo despertou nele e em mim algo recíproco:

compartilhamos o sentimento de doação. Eu doei, mas recebi algo maior em troca: uma satisfação – em simplesmente viver e conviver.

4º lugar infantil

Daniela Marinho

Meu novo amigo

Era mais uma manhã de inverno e eu acabara de acordar. Tinha que me arrumar para ir à escola, afinal era dia de prova. Além disso, as férias estavam chegando e lá na classe, frequentemente, a turma comentava sobre os planos de viagens, porém eu pouco falava sobre esse assunto, pois passaria o mês de julho em casa.

Então tomei café, peguei meu material e segui para a aula. O tempo passou rápido naquele dia assim como na semana seguinte.

Já era sexta-feira, eu voltava para casa, após a escola com a intenção de assistir a algum filme, aliás, agora eu teria dias para aproveitar. Mas no meio do caminho me deparei com um passarinho no chão que parecia não estar bem.

Observei mais detalhadamente e percebi que estava com a asa machucada. Seria errado deixá-lo ali sem cuidado, então resolvi levá-lo para minha casa, pois lá eu cuidaria dele até que ficasse melhor.

Contei aos meus pais e eles aceitaram sem problemas, porque eu teria tempo de sobra para me dedicar à avezinha. Logo fui para o quarto e arranjei uma caixa na qual ele poderia dormir. Resolvi ligar para meu tio Wilson, que tinha alguns conhecimentos sobre aves e me ajudaria.

Em poucos minutos, ele veio me dar orientações. Disse que o pássaro necessitava de repouso para se recuperar mais rápido. Além disso, quis saber se eu já tinha escolhido um nome. Falei que em breve teria um. Meu tio, então, foi embora.

Os dias passavam e de vez em quando ele voltava para ver meu amigo que agora se chamava Tito. Tornara um amigo diferente, que trazia uma imensa felicidade.

A rotina continuava a mesma desde que Tito chegara e sua asa já estava ótima, graças à ajuda do meu tio. Eu continuava dando o amor e o carinho que sempre mereceu.

Naquela tarde, fui comprar alpiste enquanto Tito ficou descansando no quarto. Demorei cerca de dez minutos e, quando voltei, levei um susto: ele não estava ali. Pensei que poderia estar no quintal. Revirei a casa e não o encontrei.

A tristeza tomou conta de mim. Resolvi contar ao meu tio que tanto tinha me ajudado. Ele me consolou dizendo que, mais dia menos dia, isso iria acontecer, pois os pássaros são livres.

Eu me perguntava por que Tito não fora embora enquanto eu tinha estado por perto.

O tempo passava e já era a última semana das férias. Há 4 dias meu amigo tinha ido embora, apenas guardava as lembranças, pois acreditava que ele não voltaria.

A janela do meu quarto estava aberta e resolvi usar o computador. De repente, ouvi um canto que vinha de fora da casa. Foi quando avistei Tito, junto a outros pássaros, na árvore do jardim de casa.

Fiquei muito alegre ao ver que ele estava bem e que, verdadeiramente, o bem que eu havia feito a ele estava sendo retribuído naquele momento.

O tempo passava e Tito sempre aparecia. Agora eu teria mais que um simples relato das férias de julho para contar aos meus amigos, teria algo inesquecível.

5° lugar infantil

João Pedro Gaspar Inácio

A Senhorinha

Me chamo João. Sou um moleque de 12 anos, com uma vida normal. Moro longe da escola e até ela vou a pé, pois, além de morar em uma fazenda com minha mãe e meu irmão, tenho que emagrecer. Minha família é de classe média. Vou para a escola de segunda a sábado. Tenho uma cachorra chamada Lola e uma ovelhinha chamada Bola de Lã.

Hoje era um dia comum como todos os outros, uma terça-feira. A aula começava às 7 horas e já eram 6h40, não sabia se daria tempo de chegar, então peguei o meu café da manhã (um misto quente), dei um beijo na minha mãe e saí correndo até a escola.

Eu adorava ir para a escola de manhã, era como se o sol estivesse nascendo enquanto eu caminhava. Seu brilho refletia nas árvores e nas cercas brancas de madeira que, de certo modo, marcavam nossa propriedade. Estava correndo o mais rápido que podia, enquanto comia meu café da manhã, e já via a ponte que ia até a cidade.

Porém, do outro lado da estrada, havia algo estranho. De longe, uma velhinha de cadeira de rodas. Olhei para a estrada e não havia nenhum carrão passando, então atravessei a estrada e fui até à senhora. Quando cheguei perto, ela me olhou com um ar alegre e disse com sua voz fraquinha:

-Bom dia, meu filho!

- Bom dia! A senhora está perdida?

- Acho que sim, fui dar um passeio e acabei aqui.

- A senhora mora na cidade? Estou indo pra lá, quer que eu te leve?

- Sim, meu filho, adoraria. - Disse a senhora com um sorriso.

Comecei a empurrá-la, e, enquanto andávamos, conversávamos. À medida que fomos conversando, ela começou a lembrar minha avó, que havia falecido. Não havia como não pensar nela naquela situação.

Chegamos à cidade, perguntei para a senhora em que rua ela morava, e ela respondeu que era na rua, na rua São João Del Rei. Eu disse que a levaria até lá. Ela me olhou e sorriu.

Quando chegamos à rua, ela disse:

-Pode me deixar aqui.

- Por que? Onde é sua casa? Eu te levo lá!

Então, ela pediu que eu chegasse perto dela. Me deu um beijo no rosto e disse:

-"Obrigado meu neto!"

Eu dei um beijo em seu rosto e lhe dei um abraço. Depois olhei para todos os lados para ver se não havia ninguém da família ou que conhecia a idosa, não vinha ninguém então fui olhar para trás e ela não estava lá. A senhora havia sumido, e eu sabia aonde ela tinha ido. Ela tinha ido para o céu.

No final de um dia comum, de uma terça-feira, encontrei essa senhora, a quem pude ajudar, sem querer nada em troca. Mas recebi, como menino que sou, a possibilidade de doar e de receber, sem ninguém me pedir...

No final dessa terça-feira, aprendi que sou aquilo que faço a quem quer que seja e para onde quer que eu vá.

6° lugar infantil

Guilherme Henrique Marcondes da Silva

E eu me encontrava novamente ali, sentado num canto do pátio, apenas observando tudo e todos. Naquela triste manhã de inverno, onde minha única diversão, meu único passatempo era ouvir música e refletir sobre a minha vida enquanto esperava o sinal bater, para eu finalmente poder ir à sala de aula...

Isolado num canto do corredor, um "carinha", encapuzado, estranho. Meu único pensamento era que, como eu, ele não queria ser incomodado, então, eu simplesmente o ignorei.

Ouvi o sinal e subi para a sala, fiquei um pouco surpreso ao descobrir que o "carinha" estava na mesma sala que eu. Fui obrigado (pela tal ordem alfabética) a me sentar ao lado do sujeito. Nenhum amigo por perto, (e eu também não sou do tipo de aluno que gosta de se comunicar a "distância") eu resolvi cumprimentá-lo.

Ele olhou para mim com ar de seriedade, cobriu o rosto com o capuz e se virou para o outro lado novamente. Fiquei um pouco indignado pelo fato dele não ter me respondido, mas todos nós temos dias ruins certo?

Bem, segui meu dia normalmente, e o "fulano" não abriu a boca nem uma só vez.

Os dias passaram rapidamente, e mesmo assim, o único sinal de vida notável que aquele garoto dava era seu andar totalmente desengonçado na troca de sala. Eu não conseguia entender como alguém da minha idade poderia não se relacionar com as pessoas ou com o mundo ao seu redor...

Eu perguntava para os outros alunos, e ninguém respondia o que eu queria saber, falavam apenas para eu deixá-lo de lado, ou esquecê-lo, pois aquele era o "normal" dele, ser um "cara" quieto e isolado, inseguro ou medroso, temendo a sociedade.

Mas de jeito nenhum eu pude aceitar isso, ninguém merece algo assim. As outras pessoas zombavam muito dele. E ele mesmo se castigava por causa disso.

Então, não sei o que me deu na cabeça, mas eu comecei a me aproximar, tentava ficar perto dele no recreio, e "sei lá", bater um papo talvez. Até que depois de muito esforço obtive algo que talvez se possa chamar de resultado:

- O que você quer?

Meu primeiro pensamento foi: tudo bem, ele não é mudo, agora, o que eu falo? Não pensei em uma pergunta mais adequada se não:

- Por que você não fala?

- Porque eu não quero!

Se virou para o outro lado novamente e não disse mais nada.

Dias se passaram e eu continuava sendo obrigado a me sentar ao lado daquele sujeito. Até que um dia eu o vi guardando o material, arrumando a bolsa, se preparando para trocar de sala. Reparei que a capa de seu caderno era a foto de um jogo de vídeo-game muito conhecido, meu jogo favorito para falar a verdade. Então, pensei que pudesse ser uma maneira de me aproximar do garoto... Novamente tentei "puxar assunto":

- Você gosta de jogos de tiro?

- Sim. Por quê?

- É meu jogo favorito, se você quiser, pode ir lá em casa qualquer dia desses, e a gente joga...

- Talvez...

Conversamos um pouco mais, porém não consegui desviar o assunto de jogos de vídeo-game. A partir deste dia, imagino que Pedro tenha começado a me ver com "outros olhos". Ele mesmo me procurava para conversar. Acho que eu passei algum tipo de segurança a ele...

Ele aceitou o convite para vir à minha casa semanas depois... E realmente, hoje percebo que valeu a pena me aproximar daquele garoto... É uma das melhores (se não a melhor) amizade que eu já tive em toda minha vida.

Ele tem me surpreendido nas conversas, e nas várias amizades que vem fazendo.

7° lugar infantil

Pâmela Reis Querido

Efeito contrario

Em plena segunda-feira, ouço meu despertador tocar. Seis horas da manhã, tenho que me arrumar para a aula. Levanto com cara de zumbi, mas com a ajuda de um banho e um pente fico pronta em menos de meia hora. Tomo o café, confiro minha mochila e entro no carro. Logo chego à escola e me vejo pronta para mais uma semana. Mas ESTA semana foi diferente...

Foi nesta semana que a coordenadora veio nos falar sobre o projeto de solidariedade deste ano.

Todo ano no colégio fazemos um projeto de caridade: já ajudamos um asilo, já vendemos pizzas para arrecadar dinheiro para uma creche, mas nunca me senti fazendo algo de bom para alguém de verdade.

-Queridos alunos gostaria de anunciar que neste ano, o projeto acontecerá da seguinte forma: cada pessoa escolherá um dos setores; órfãos menores de cinco anos; idosos ou doentes. Após a escolha, deverão trabalhar com o mesmo de forma que os ajude de qualquer forma. Ao final do trabalho, vocês deverão escrever uma redação que será explicada pelo professor em classe e valerá três pontos na média de vocês, então tratem de fazer bem feito. Deem uma olhada no site para maiores informações.

Logo após, todos voltaram as suas classes pensativos e imaginando o que e como fazer... Bem, pelo menos eu. Todos na minha classe já estavam pensando em crianças e doentes, pois são mais fáceis de agradar. Já eu queria um idoso, mas um idoso numa característica crítica, queria um desafio, pois pelo menos neste ano gostaria de fazer algo diferente, de forma que eu sentisse que realmente estaria ajudando alguém.

Ao chegar em casa, fui ver o site. Cliquei no ícone: campanha de caridade. Logo apareceu um texto enorme e ao final: "inscreva-se aqui". Logo me inscrevi escolhendo os idosos. Apareceram muitas fotos de todos os idosos e com elas as descrições de todos. Fui olhando, olhando até que vi a foto de uma senhora muito sorridente, a única sorridente, fui ver a descrição. "Esta mulher chama-se Eduarda e tem 87 anos. Após se tornar viúva seus filhos deixaram-na no asilo aos 73 anos e só a visitam uma vez ao ano, no seu aniversário. Ela sofre de câncer no cérebro, e os médicos só lhe deram mais um ano..." Muita emocionada, eu a escolhi e enviei o meu cadastro.

Uma semana depois, chegou uma carta para mim da escola, quando eu abri era o endereço da senhora Eduarda. Procurei na internet e vi que era a menos de três quarteirões da minha casa, então peguei uns docinhos (que de acordo com o que estava escrito na descrição, ela podia comer), imprimi o mapa e coloquei tudo e mais um pouco na minha mochila. Peguei a bicicleta e fui para lá.

Cheguei bem rápido. Entrei lá e vi a senhora Eduarda: a velhinha bem típica; cabelos brancos, olhos meigos e pele enrugada, mas o que me chamou atenção foi aquele sorriso maravilhoso. Não consegui me segurar, tive que perguntar:

- Senhora Eduarda, desculpe se estou sendo grosseira, mas, você está numa situação horrível: sem marido, sem filhos, sem netos, sozinha e com menos de um ano de vida. Continua sorrindo?

-Muitas vezes me perguntaram isso... Chorar não vai melhorar nada, vai me deixar na mesma, então eu escolhi sorrir...

O ano foi passando, eu sempre ia visitar a Senhora Eduarda, até que um dia acabou o tempo dela, ela se foi. Muito triste eu já tinha minha redação, começava assim: "Pensei que eu mudaria a vida dela, mas ela mudou a minha. Foi como um efeito contrario..."

8° lugar infantil

Letícia Faggian

Ser diferente é normal

O essencial é invisível aos olhos... Mas o que seria essencial? Família e amigos? Ou apenas uma demonstração de afeto e carinho que te faça sorrir? Todos precisam parar alguns momentos para pensar naquilo que realmente importa na vida. A amizade e a solidariedade nunca sairão de moda e é preocupante saber que coisas tão vulgares e ruins cruzem livremente o espaço, mas se você decidir repetir boas ações e ajudas ao próximo você pode se tornar melhor e mostrar que está acima de qualquer tipo de discriminação.

Às vezes nos sentimos tocados por histórias reais de solidariedade e afeto que nos contam, como a minha história e de minha amiga Sophia, uma amiga especial que mudou a minha vida simplesmente por ter entrado nela, me fez sorrir até não poder mais e me fez acreditar que realmente tem algo bom no mundo. Uma amiga totalmente diferente, porém igual a mim e a você. Uma menina que tem sentimentos, que ama, que chora, que se apaixona, mas Sophia tinha algumas limitações físicas, era portadora de necessidades especiais e tinha como principal companheira, a cadeira de rodas.

Sophia e eu nos conhecemos na escola pelo simples fato de termos caído na mesma sala e a partir disso, dado início a uma bela amizade. Eu reparava em Sophia todas as aulas e no modo como ela lidava com a cadeira de rodas e o preconceito de algumas pessoas. Será que ela havia nascido assim? Ou sofreu algum acidente?

Começamos a nos falar e fui percebendo o quão doce era ela. Apesar de ter sofrido um acidente e ficado paraplégica, ela tinha motivos para sorrir, mas não eram o bastante. Sophia vivia cabisbaixa, sem vontade de sair de casa e muito menos de ir para a escola.

Sophia se sentia diferente e com medo de ser rejeitada, não havia se acostumado com a escola, com novas pessoas e nos lugares. Não acredito que ainda existam pessoas capazes de discriminar o próximo, a sociedade realmente não é humana, não é capaz de entender que ser diferente é normal.

Decidi fazer dela, uma nova amiga. Começamos a sair juntas, a passar noites em claro, a nos divertir e comecei a fazê-la perceber que a vida deve ser vivida da melhor maneira possível.

Os dias se passaram e eu só pensava em Sophia e o que eu poderia fazer para que ela se sentisse melhor. Resolvi então comprar uma cadeira de rodas mesmo não precisando de uma, para assim surpreendê-la.

Foi o dia mais feliz da minha vida, vi o sorriso de Sophia e percebi que tinha feito algo bom, uma simples ação de afeto e carinho que para Sophia fez toda a diferença.

A escola inteira se comoveu com a minha demonstração de carinho por Sophia, por sua história de vida e até mesmo pelo que ela sente e deixa de sentir diante das pessoas. Porém é inevitável deixar de pensar ou perceber que os adolescentes daquela escola só param para pensar no que a Sophia realmente sente quando são, simplesmente, tocados por histórias. Será que eles não conseguem ver a tristeza no rosto dela? No quanto eles mesmos são cruéis? No quanto discriminam uma pessoa pelo fato dela ser diferente? Não percebem que a Sophia tem sentimentos também?

Sophia com lágrimas escorrendo por seus olhos segurou minha mão e somente me agradeceu por ter aparecido em sua vida, por ter mostrado o verdadeiro valor da amizade e ter me transformado em sua maior companhia, sua querida amiga.

Hoje entendo o sentido da vida, o quão especial um amigo é! Mas e você? O que seria capaz de fazer por uma grande amizade?

9º lugar infantil

Kaynan Ricardo Silva Proença

Hans, um menino mal compreendido

Hoje contarei uma história, uma história da minha vida. Ela começa quando tinha sete anos e estava na minha antiga escola, após as férias de meio de ano, e um aluno novo chamou minha atenção. Era baixo, de aparência e jeito meio estranhos.

A professora o chamou na frente da classe apresentando-o como Hans e dizendo que ele tinha Síndrome de Asperger, o que fazia com que ele não entendesse muitas coisas, apesar de ser bem inteligente.

Meus colegas de classe não gostaram muito dele e se sentiam incomodados com sua presença. Alguns até mesmo zombavam dele, com muito preconceito e, quanto a isso, eu ficava bem na minha. Até que um dia, eu estava andando pelo pátio com meus amigos, quando vi um menino de outra classe, mais velho, empurrando Hans, fazendo com que ele caísse no chão. Então, saí correndo para ajudá-lo.

Após tê-lo ajudado a se levantar, comecei a discutir com o menino que tinha feito tamanha barbaridade, que continuava a gozar da cara do menino autista, pois, sabendo que o Hans não suportava a cor amarela, tinha levado um pano dessa cor para a escola, só para vê-lo ficar estressado, se debatendo. Era uma escola pública, não tinha monitoras e a professora estava longe para fazer o garoto parar com aquilo tudo. Mas finalmente o intervalo acabou.

Eu e Hans, a partir daí, ficamos amigos e eu fui explicando a ele, de forma mais compreensível, algumas coisas a que ele não estava acostumado, familiarizado, ou que não entendia (como algumas gírias e expressões do dia a dia). Tentei também fazer com que ele quisesse se enturmar e fazer com que os outros também o aceitassem. Apesar de ele não saber demonstrar sentimentos, eu sabia que lá no fundo ele se sentia rejeitado e menosprezado pelos colegas.

Durante este período em que fiquei com Hans, aprendi muitas coisas e não foi só sobre as necessidades de um autista como ele, mas também ele me ajudou a entender várias matérias e me disse coisas que nunca tinha ouvido falar sobre História, Ciências e outros países que ainda nem havíamos aprendido ainda.

Depois de tanto tentar fazer com que ele se enturmasse, consegui convencê-lo, mas também convencer meus amigos de que Hans era um menino bom e legal. Após um tempo de convivência todos começaram a gostar muito dele, apesar de muitas vezes ninguém entender o que falava.

Quando o ano acabou, tivemos que nos despedir e, já que mudei de escola, nunca mais nos vimos, mas eu gostaria de saber onde ele está

para agradecer-lhe, pois tenho certeza que aprendi muito mais com ele, do que ele comigo.

10º lugar infantil

Giulia Verdini Mencarini

A força da amizade

Naquela noite fria, se via de tudo, tanto em jornais como em noticiários. Morte, violência, sequestro, e assaltos. Mas um caso me impressionou.

No dia seguinte, resolvi pesquisar um pouco sobre aquele assunto.

Renata era uma viúva muito solitária, e muito doente. Tinha uma doença única e quase sem cura. Havia só um jeito de Renata recuperar quase toda sua vida. A doação de uma pessoa anônima. O problema é que não havia doadores.

Resolvi então tentar conhecê-la. Antecipei uma viagem de urgência para Natal. Ao chegar lá, o frio tomava conta da cidadezinha. Como era tarde, resolvi passar a noite em um hotel, e logo de manhã passar no hospital onde Renata estava internada. E achei que quanto mais rápido chegasse lá, mais rápido poderia conhecer sua história. Naquele momento, a agonia tomava conta de mim.

Não conseguia dormir, pois não parava de pensar no que aconteceria no dia seguinte. Ao acordar, sem pensar, corri para o hospital. Chegando lá, ao entrar pela porta, vi um quadro de informações ao meu lado. Como era dia de visitas, o hospital estava cheio. Fui ao balcão mais próximo e pedi informações sobre a moça doente. Logo em seguida, a enfermeira me levou ao seu quarto. Quando passei pela porta, senti uma energia muito boa vindo de Renata.

Sentei-me ao seu lado e começamos a conversar. Ela me contava sua história de um jeito misterioso. Conversamos até tarde. Agradei a ela por se abrir comigo, e voltei para o hotel. Dias se passavam, e nossa amizade só crescia. Ela não tinha família. Não tinha ninguém. Eu a levava para passear, e ela me mostrava a cidade onde havia crescido. Descobri que Renata tinha perdido seu pai muito cedo, e logo depois sua mãe se suicidou. Ela também falava que sempre sonhou em ter filhos, mas nunca tinha encontrado o homem certo. Nenhum deles aceitava o fato de ela ser doente, e que poderia morrer logo.

Achava que ela não tinha se esforçado muito para achar o amor verdadeiro. Então resolvi ajudá-la. Mas antes, tinha um outro assunto a tratar. Resolvi então conversar com um especialista. Descobri que Renata tinha apenas um rim. Quando criança, teve um problema e foi necessário tirar um deles. O problema não tinha sido identificado. E todos esses anos ela viveu com um único rim. Desde então nunca teve problemas. Mas, nos últimos meses, descobriram que, como Renata era muito sensível, o seu rim não estava funcionando direito. O problema específico era que seu rim

estava apodrecendo. E se ele parasse de funcionar, ela morreria. Precisava de um rim novo.

Nesse momento, resolvi doar um rim a ela. Aliás, ela era minha amiga, e amigos ajudam uns aos outros, mesmo que para isso seja necessário um esforço. No dia da cirurgia, Renata estava muito feliz e ansiosa.

Nesse mesmo dia, me levaram à sala de cirurgias. Ficamos lá por horas. O tempo parecia ter parado. Ao acabarem minha cirurgia, sem pensar duas vezes, começaram a cirurgia de Renata. No final do dia, quando acordamos da anestesia, estávamos no mesmo quarto, conversamos até tarde.

Depois de seis semanas, pudemos voltar para casa, e estávamos quase recuperadas. Nós já podíamos sair, e comer de tudo o que quiséssemos, com exceção de algumas coisas, pois tínhamos uma dieta rigorosa. Num desses passeios, conhecemos Pedro, um amigo de colégio de Renata. Eles começaram a namorar. Então Renata percebeu que nós não escolhemos o amor, ele simplesmente acontece. Hoje, eu e Renata somos bem amigas, e ela tem uma família linda. E dentro dela há um pedaço de mim, e é esse o motivo de sermos tão ligadas. E tão amigas. Não só a vida de Renata mudou. Depois disso, aprendi que os verdadeiros sentimentos são conquistados com atitudes muito simples, mas que são capazes de transformar o mundo. Para isso, é necessário que cada um faça sua parte.

11° lugar infantil

Nicole Imakawa Carvalho

Outra chance

Posso dizer que conheço muita gente. Gente normal, assim com eu. Também posso dizer que eu tento não odiá-las, por mais que não tenhamos nenhum tipo de afinidade, por mais que me odeiem.

Com certeza, é culpa dos meus pais meu jeito de pensar. Primeiro, porque são eles que mudaram de cidade quatro vezes e me “arrastaram” junto. Isso fez com que eu entrasse várias vezes em escolas no meio do ano letivo. E, no meio do ano letivo, as panelinhas já estão formadas, todo mundo já se conhece. Quando eu chegava assim, do nada, às vezes até no meio da semana, os outros não me davam a oportunidade de me enturmar. Eu tinha que ir, aos poucos, cativando as pessoas. Tive que aprender a conviver tantas vezes com pessoas que não gosto, que me achavam ou acham esquisita. Segundo, porque são meus pais, ora! E estão me ensinando o melhor jeito de lidar com praticamente tudo.

Eu nasci em Santos, com cinco anos me mudei para São João da Boa Vista. Lá morei em duas casas diferentes e estudei em quatro escolas também diferentes. Quando fiz 11, me mudei para Águas da Prata, fiquei lá por um ano. Depois, nos mudamos para Jaguariúna. Foi a melhor das

idades, eu tinha 12 anos. Agora, tenho 13 e eu moro em Jundiá há dois meses. Tenho mais liberdade aqui, talvez por ser mais velha. Foi difícil me adaptar, mas lembro de tudo como se fosse ontem.

Quando entrei na escola em que estudo atualmente, chamei a atenção demais, porque tinha o cabelo vermelho-vivo. Fiquei muito chateada quando percebi que os alunos daqui eram tão limitados que me excluía pelo fato de meu cabelo ser colorido. Mas eu não me importei.

Eu era do tipo que não corria atrás de quem eu achava que não merecia. Mas, na verdade, todo mundo merece uma segunda chance. E sim, vale muito a pena. Eu sou fanática por rock. Sempre fui, sempre serei. Não gosto de muita frescura, nem de gente ignorante. Acho que estudar é importante SIM, contradizendo o fato de me considerarem “revoltada”.

Depois de quatro semanas no colégio novo, nossa sala foi surpreendida com um trabalho surpresa de Inglês, valendo dois pontos na média trimestral. O ruim é que nós tínhamos 45 minutos para entregá-lo. A sala inteira enlouqueceu, mas eu não. Inglês é uma das poucas matérias em que tenho facilidade. Eu terminei o meu trabalho em 15 minutos, e a garota que sentava na minha frente não tinha saído do primeiro exercício.

Eu teria ajudado sem pensar, mas ela era a que mais me odiava, da sala inteira. E o mais interessante era que, todo esse ódio, foi criado antes mesmo de saberem meu nome, ou falarem comigo. Mesmo assim, eu empurrei minha carteira ao lado da dela, e a ajudei a terminar o seu trabalho. No final da aula, trocamos número de celular, “facebook”, e desde esse dia somos amigas.

E fiz a mesma coisa com todo mundo da sala, eu tento ser simpática, ajudar as pessoas. Porque, muitas vezes, é disso que elas precisam.

Aqui eu aprendi que tudo depende de você. Você consegue, se quiser, se tentar com vontade.

Aqui eu aprendi que, saudade machuca; que quando se tem esperança demais, no final a decepção será maior; que se você aceitar o jeito de cada um ser, muitas portas se abrirão; que um simples sorriso muda muito mais do que qualquer um imagina. Que o essencial é invisível aos olhos.

12º lugar infantil

Lucas Vinícius D. Tolentino

Os gatinhos famintos

Certo dia eu estava brincando com meu Binóculo. Perto de casa havia um pequeno bosque aos pés de um morro bem pequeno, e lá em cima uma

grande casa com muros um pouco altos. No telhado havia três gatinhos brincando, sempre gostava de observá-los com meu binóculo.

Vários dias se passaram e a dona da casa resolveu viajar por alguns dias, e deixou um grande pote de comida para os gatinhos, mas esta ração não durou muito tempo. Vendo os animais mexendo no pote de comida vazio, me deu uma grande dor no coração de ver os felinos com fome.

Fui dormir com muito remorso, pensando no que eu poderia fazer para ajudá-los. De manhã tomei a decisão de ir ao mercado e comprar um grande saco de ração para gatos e tentar atravessar aquela pequena mata para ajudá-los.

Peguei minha mochila, coloquei a ração, um pouco de água e algumas bolachas para o caso de fome e também um facão no caso de precisar cortar algum galho.

Parti depois do almoço e entrei na mata com minha bússola, sempre andando em direção ao norte. Foi muito difícil atravessar a mata, pois havia alguns obstáculos com galhos no caminho, matos altos, pequenos riachos, etc.

Chegando quase lá, sentei junto de uma árvore para descansar e beber um pouco de água, mas cada minuto a mais que se passava me lembrava dos gatinhos que estavam com fome e me colocava no lugar deles, sentindo a sua própria dor. Foi assim que eu me encorajei a atravessar cada obstáculo.

Ao chegar a casa coloquei algumas madeiras empilhadas ao pé do muro, conseguindo escalá-lo e assim poder alimentar os pobres felinos famintos.

Assim que a dona deles, que não era muito de conversa, voltou, ela virou uma grande amiga minha. Ao ver o meu generoso ato de humanidade, solidariedade e amor ao próximo, ela também me presenteou com um fofo gatinho branco, que dei o nome de Nino. Todos ficaram bem, principalmente eu, que além do gatinho, ganhei uma nova amizade.

1º juvenil

André Xavier Rodrigues

Consumir: Um ato que exige cautela

É característica inerente às sociedades capitalistas o consumo de materiais de toda espécie e a troca de prestação de serviços por dinheiro. Porém, o excesso consagrado a esse fascinante sistema financeiro tem se tornado cada vez mais comum gerando um mundo altamente competitivo. E, nesse momento, nos convém cautela e reflexão para avaliar até que ponto nossos hábitos consumistas adquiridos à vontade por longos anos, representam uma vantagem.

As gerações anteriores não tinham as facilidades atuais de consumo. A tecnologia acelerou seu avanço trazendo até nós maiores informações. Uma avalanche de ofertas de produtos e serviços estimulam desenfreadamente o consumismo, sem termos a menor noção dos efeitos colaterais, como dívidas do cartão de crédito. No entanto, tais elementos são de fato necessários para se viver bem.

Por meio dessa nova visão de um mundo consumista, algumas pessoas passaram a trocar de carro todo ano, de celular a cada seis meses; idealizar uma casa na cidade, uma na praia e outra no campo; renovar o guarda-roupa sempre, mesmo que abarrotado, e assim por diante. Um estilo de vida atraente, mas absolutamente insustentável do ponto de vista da demanda da natureza, já que matéria prima, combustível, energia, lixo, tudo depende de um limite natural. Para girar a roda da economia global, o consumismo é bastante favorável, mas a longo prazo ele não se sustenta sendo preciso corrigir esse rumo.

É certo que o consumo favorece a vida. Entretanto, o que se percebe é que ela está se assemelhando a algum desses jogos virtuais, de videogame ou computador. A própria vida tem um valor tão banal que para ganhar pontos e ter direito a ela, ser feliz e sentir-se vitorioso, é preciso cumprir todas as exigências e cobranças impostas. Assim, deve-se estudar nas melhores escolas, ter roupas e tênis da moda e de marcas reconhecidas no ranking do melhor marketing; carro sempre atual, frequentar uma academia para estar sempre com um físico impecável, ter uma TV das grandes; um celular último tipo, o que é difícil acertar porque lançam modelos a cada dia e o nosso está sempre ultrapassado. E, depois desses árduos desafios, descobre-se que a lista dos "ter que..." é interminável, que todos seus itens são na maioria de utilidade e necessidade questionável, além de se gastar anos da vida sem tempo para um lazer, para conviver com a família e nem para cuidar de si próprio. Apenas tentou-se equiparar-se a todos no que têm, fazem e podem numa busca sem fim que traz ansiedade e nervosismo no dia após dia. É comum na atualidade encontrar indivíduos frustrados, depressivos, inseguros, tristes, insatisfeitos, que preferem as drogas ou até o suicídio diante da sensação de incapacidade e pressão gerada pela compulsão material que se espalha no mundo.

Não saber os limites do consumo pode nos custar caro, pois altera a cultura, os costumes, a educação de um povo. O “poder e ter” passa a ter mais valor do que os sentimentos nobres do ser humano. Bondade, lealdade, humildade, amizade e respeito são apenas alguns dos vários exemplos de qualidades morais que hoje já sentimos ser esquecidas. São jovens que afrontam seus pais e professores ao serem cobrados à responsabilidade; crianças que só cumprem deveres em troca de presentes, profissionais diversos e políticos que cobram propinas para fazer o errado e injusto de forma desonesta. Isso tudo, sem dúvidas, é um grande problema.

Não é estigmatizar nem o consumo e nem o dinheiro. Apenas, nossa vida não pode girar em função disso como se esse fosse o único objetivo de existir.

Acima de tudo, é preciso bom senso individual para se perceber que estamos vivendo sob um império de valores invertidos. Vemos um caminho certo se abrindo quando, finalmente, a corrupção passa a aparecer como vilã na história; quando cresce o número de pessoas que se voltam para observar mais a natureza, ao sentir que existem escolas que lutam para valorizar seus alunos, não apenas pela assimilação de conteúdo didático. Além quando descobrem que os jovens e crianças precisam de seus pais mais presentes com o afeto acima de qualquer desejo material. Enfim, começa haver uma preocupação no sentido de tornar o consumo mais consciente, trocar o consumismo pela sustentabilidade. Mas se faz necessário maior empenho e ajuda mútua de governos e mídias. É condição fundamental que todos trabalhem no sentido de priorizar a essência que diferencia os humanos dos demais seres: desenvolver sua inteligência para galgar sua evolução, mas usar seus sentimentos mais íntimos e profundos que também se aperfeiçoam nos milhões de anos, para equilibrar suas atitudes que quando caminham só costumam levar o ser humano a um despenhadeiro.

2º juvenil

Karla Juliane de Oliveira Kum

Ainda há alguns anos, era muito comum ouvirmos as pessoas dizerem: "O dinheiro não compra tudo", ou algo semelhante, e ainda era complementado com amor, dinheiro, saúde, felicidade, amizade, etc ... afinal "tudo" é algo muito amplo. Contudo, parece que ocorreu uma mudança no pensamento de uma parcela da população, e a famosa frase "O dinheiro não compra tudo" perdeu sua força negativa.

Culpar um sistema pela perda de valores é algo fácil, porém um sistema não constitui uma sociedade, esta vem a ser a junção de vários aspectos ligados entre si, ou seja, a incógnita deste problema não reside somente no capitalismo.

Podemos considerar que o capitalismo, como tudo, tem um lado bom e um ruim: o bom é o da competição saudável, e o ruim, o do consumismo exagerado (o qual ninguém é obrigado a deixar-se influenciar ou participar). Tendo em mente esse dois lados, se começarmos a analisar, veremos que o consumismo exagerado dos últimos anos tem levado cada vez mais pessoas pensarem que podem conseguir tudo o que querem com notas e mais notas (ou outra "moeda" de troca), o que fez com que a sociedade passasse a vender de tudo (amizades, amores, felicidade), causando insatisfação naqueles que esperavam que esta os oferecesse algo.

Quanto maiores as posses, mais bens o mundo irá querer vender, e "evitará" ofertar qualquer coisa que possa vir a ter um preço, ou seja, amizades e amores passam a ser por interesses, extinguindo o verdadeiro significado destas palavras. A pior parte é que recebemos influência de exemplos errados daqueles que deveriam dar a nós os melhores exemplos possíveis, como os grandes líderes do mundo (governantes), que assinam acordos dos quais eles também possam vir a ter vantagens. Sendo assim, fazer com que a sociedade aja de maneira diferente torna-se um trabalho ainda mais árduo.

Atitudes como essas fizeram e fazem com que os jovens fiquem indignados, pois ao procurarem um amor ou amizade querendo encontrar o sentimento verdadeiro, de cumplicidade, confiança e respeito, não algo que venha a ser ligado ao dinheiro ou, até mesmo, à inteligência, a contatos, a favores, etc.

Não podemos esquecer que em algumas vezes são as próprias famílias que acabam gerando essa indignação também, porque grande parte dos pais tem empregos que tomam todo o seu tempo, e para compensar esse déficit compram de tudo, achando que assim o carinho e a atenção que os filhos precisam serão substituídos por objetos. Fazendo assim, estes pais acabam incentivando o consumo, pois seus descendentes passam a achar que para adquirir algo basta ter dinheiro.

E não para por aí. O descontentamento dos mais novos agrava-se ainda mais com as propagandas, as quais tentam vender tudo de maneiras cada vez mais apelativas. Um comercial recente de uma determinada marca de bebidas chegou a associar a felicidade com o produto, com uma música que dizia "Abra a felicidade que vem aí", como se fosse possível comprar a felicidade enlatada ou engarrafada. Porém, ao fazer propagandas como esta, aquelas pessoas que pensam que irão conseguir a felicidade com o produto o compram e acabam frustradas pois a propaganda é enganosa.

Caso não ocorram mudanças em nossa sociedade, daqui alguns anos pode ser que encontremos por aí anúncios como: “Felicidade com 50% de desconto”, “Amizade por \$\$\$\$”, “Somente hoje amores com ofertas imperdíveis”, etc....

3º juvenil

Letícia Lopes Rodrigues

Estão tentando nos vender até felicidade

O mundo pós-moderno se manifesta cada vez mais individualista e capitalista. Consumismo desenfreado, um modelo de vida perfeito sendo o tempo inteiro vendido nos meios de comunicação de massa para a juventude, faz com que cada vez os jovens sintam-se mais pressionados e insatisfeitos.

Tudo tem sido nos vendido nos dias atuais. A cultura precisa ser paga. A educação de qualidade precisa ser paga. Não existem apenas produtos sendo mercadorias, mas a nossa própria juventude. Vemos o tempo inteiro um modelo de vida perfeita para nós, jovens. A mídia massificada nos impõe como devemos ser para alcançarmos a satisfação plena, vemos até materiais que deveriam ser culturais e artísticos nos sendo vendidos em outdoors enormes pelas ruas das grandes cidades.

Os ideais dos jovens cada vez perdem-se mais. Somos obrigados, aos 17 anos, a saber o que teremos que fazer para o resto da vida, pois precisamos de um emprego onde venderemos nossa força de trabalho e sustentaremos nossa família – outra ideia que nos é vendida, de que teremos que ter uma família e viver com ela igual aquela família feliz e sorridente na propaganda de margarina no café da manhã.

As propagandas nos passam a ideia de que só seremos felizes se consumirmos, se formos adeptos as mais novas tecnologias, se tivermos o novo celular e a nova rede social ou aplicativo do momento, onde deveremos expor nossa vida, mostrando um alguém superficial que não somos.

Os jovens estão na verdade o tempo inteiro inseguros sobre o mundo que está pela frente, os esperando. Estão cada vez mais insatisfeitos com o trabalho escravo que é imposto a classe operária e a péssima forma com que vivem, pois faltam educação e saúde de qualidade. Se quisermos uma escola boa, teremos de pagar uma particular. Se quisermos uma saúde boa, teremos de pagar convênio médico. Se quisermos uma aposentadoria digna, teremos de pagar

previdência privada, além dos elevados impostos em cada produto que compramos diariamente.

Será que ainda há esperança para esse mundo individualista e totalmente capitalista? Alguns dizem que sim, outros dizem que não. Os jovens, apesar de cansados e insatisfeitos, continuam a ter esperanças e, muitos, a lutar pelo futuro, para que os próximos jovens não passem por tais problemas. O fato é que nem o próprio conceito de juventude existia antes da revolução industrial. Todos esses problemas aqui discutidos são característicos da era pós-moderna, uma era onde se produz muito, o operário vira mercadoria e o principal lazer da população é o consumo, como podemos notar observando os shoppings, que ficam sempre cheios aos finais de semana.

Devemos nos importar com coisas que não nos alienam, como um passeio no parque num dia ensolarado com as pessoas que amamos, uma viagem que nos traga conhecimentos e perceber que o que importa é quem somos, e não o que temos. O que importa no futuro, é ser uma pessoa feliz, madura, conhecedora do mundo e dos sentimentos e não um alguém superficial que só se importa com dinheiro. Devemos desejar o riso e alegria do próximo, não seus bens. Devemos ajudar aqueles que não têm condições e foram oprimidos pela desigualdade social. Devemos ser humanos, antes de tudo, pois a verdadeira felicidade não se compra.

4º juvenil

Alana Barbosa de Araújo

Avançar sim, porém celebrar a vida!

O mundo moderno está mais inovador a cada dia, porém torna-se misterioso para o ser- humano, que acumula um questionário de dúvidas sobre o seu próprio futuro. A sociedade sofre a cada segundo, devido ao rápido avanço da tecnologia, e infelizmente, os inovadores dessas ideias acabam por não perceberem que não somente eles, mas toda a humanidade sofrerá com as consequências geradas pelas suas atitudes egoístas, impensáveis e imediatistas. Homens que se esquecem de como é uma vida familiar, social e principalmente humana.

O chamado homo-spiens, em geral, está sempre em busca de algo novo, anseia por realizações que satisfaça o seu ego e não mede o tamanho de seus passos e tão pouco o trajeto de sua jornada. Não se sensibiliza com os tropeços e nem com os atropelos de seus semelhantes, tudo vale para

que ele seja bem sucedido em sua vida. Nas mais diversas situações em que ele se encontra, vive o virtual, a tecnologia e se deixa dominar. Aos poucos, envolve-se em competições e dominações, que o faz se esquecer de viver primeiro o lado humano e celebrar a vida antes de mais nada.

E sabe quem tem mais sofrido com essas situações? O Jovem, pois é! Adolescentes sonhadores e cheios de vida que sofrem as consequências, pois vivenciam uma era tecnológica de tamanha intensidade, que não se dão conta do mundo em que estão inseridos, um mundo dominado por eletrônicos, pelo virtual, que lhes tiram a chance de viver a realidade.

Claro, percebe-se que a tecnologia mexe e domina o psicológico de todos, que os homens estão sendo substituídos por máquinas e que os dominadores do mundo só vendem, vendem e vendem... Os seres humanos sentem-se atraídos e dominados pelo progresso, até mesmo um celular está sendo capaz de substituir a convivência familiar.

Certamente, está na hora de tudo isso acabar, mesmo que as expectativas de futuro girem em torno da tecnologia, que avança desenfreadamente e vende seus artefatos mesmo quando ainda não saíram dos papéis, não é possível que não se perceba que ela não vende a vida real, fraterna e humana. Não se pode deixar que tudo isso avance, destrua e consuma os momentos de celebrar a família, o diálogo, os momentos de prazer.

É preciso ter a consciência de que se deve fazer o uso das tecnologias e deixá-las tornar parte de sua rotina, mas não deixá-las substituírem a sua rotina! Em primeiro instante, nem todos irão compreender, mas aos poucos perceberão que o mundo não está oferecendo mais nada, apenas vendendo.

Pensando neste sentido, convém que todo o homem fique atento e perceba que está mais do que na hora de começar a viver. Já é tempo de se conquistar as metas, realizar os afazeres, cumprir os deveres, desafiar os limites, vencer os obstáculos e viver com um propósito, mas sem deixar de enxergar as coisas simples da vida!

5º juvenil

Mayara de Melo

Vende-se felicidade

Compre já! Promoção! Venha conferir as ofertas! Liquida tudo! Quem nunca se deparou com alguns desses chamados? Todos os dias somos bombardeados por centenas de anúncios a favor do consumismo e o jovem, mesmo que de não possua muito dinheiro, é o principal alvo deste sistema.

Ano a ano pesquisas apontam um crescente número de casos de depressão e de suicídios entre os jovens do mundo todo, tais dados e acontecimentos geram entre a população uma incógnita: eles tem tudo hoje em dia, tudo fácil, tudo instantâneo, porque não estão satisfeitos e fazem essa besteira? Mas será que os jovens têm tudo mesmo? Coisas simples como ir ao cinema, jogar bola, visitar um doente, arrecadar alimento para alguma instituição ou família carente, doar roupas e objetos, passear com a família ou encontrar os amigos raramente fazem parte do dia a dia das novas gerações, isso vem criando um vazio por dentro que tentam preencher com coisas materiais, se entupindo de tecnologia e roupas da moda, muitas vezes se afundam nas dívidas.

É verdade que nós ficamos animados e felizes ao adquirir um novo produto, ainda mais se for algo que economizamos muito tempo para ter. A realização da nova compra é evidente, entretanto isso se tornou incontrollável e as pessoas compram para se satisfazer o tempo todo, em um ciclo vicioso de desejo, compra, satisfação e infelicidade.

As indústrias da tecnologia e da moda tornaram seus produtos descartáveis e a mensagem indiretamente passada pelos anúncios supõem que se você não tiver tal produto não será feliz. Os altos investimentos em propagandas, inclusive com a contratação de artistas famosos, torna-se decisivo para fazer com que isso vire realidade na vida dos jovens que quando percebem que todos tem as roupas da moda ou o celular de última geração fazem verdadeiros sacrifícios para possuí-lo e, quando não conseguem, sentem-se excluídos e inferiores aos demais.

A insatisfação dos jovens vem de algo que nem chegaram a conhecer, pois já nasceram rodeados por um sistema que impõe o consumismo, vem das coisas simples que foram, sem perceber, privados. Você já deve ter se perguntado: "o que eles procuram tanto em suas caixinhas tecnológicas?" Na verdade, eles procuram a felicidade, mas isso nenhuma indústria foi capaz de enlatar e por a venda.

6º juvenil

Matheus Marchiori dos Santos

Trânsito entre ideais

O mundo contemporâneo transita entre dois ideais: um 'utópico' e um 'capitalista'. O primeiro é o de um mundo igualitário, em que tudo é oferecido de maneira uniforme e que estimula, mesmo que pela ilusão, tanto a criatividade quanto as potencialidades dos indivíduos que o compõem (especialmente os mais novos). O segundo, regido pelas leis capitalistas, quantifica em montantes tudo que há nele e torna ideal o estabelecimento de preços e, principalmente, de formas fáceis de obter os subsídios necessários para bancá-los - levando a uma ascensão das máquinas, trabalhadores frios e incansáveis, a fim de manter este "ideal capitalista".

Assiste-se neste ínterim a jovens tentando se opor ao mundo em que tudo está à venda - cansados de serem jogados à margem de um sistema feito para aqueles que são economicamente ativos e que os encara, geralmente, como "despesas" e "pesos mortos". Esperançosos, na maioria das vezes, buscam uma forma de celebração da vida e de suas possibilidades, mesmo que de forma instintiva, procurando se aproximar do ideal "utópico" do mundo que acreditam existir.

A juventude sente-se também impelida a buscar algo novo, que torne um indivíduo diferente da massa em que se insere, em uma tentativa tanto de destaque quanto de sentir-se útil a uma sociedade que a encara de forma tão pejorativa, busca, portanto, uma forma de valorização do ser humano. Concomitantemente, há uma série de metas que são impostas a mesma, em ambos os casos, goste ou não, a escolha de uma profissão de sucesso realmente cedo, a busca por comportamentos, companhias e padrões (estéticos, inclusive) que sejam perfeitos e que agradem a mesma sociedade que os diminui levam a uma ansiedade que se torna crônica, numa ânsia de agrado que se sobrepõe aos desejos individuais e que a desestimula de uma forma geral.

Há um conflito entre os mundos que cerceiam a juventude, já que, ao mesmo tempo em que deseja realizar seus impulsos naturais, ela é privada da realização daqueles que são considerados inúteis ou inapropriados - geralmente por estes não possibilitarem o retorno econômico necessário. Esta situação gera um embate nela mesma (em competições entre os próprios jovens em suas turmas ou entre elas), inflando sua insatisfação e subsidiando a substituição cada vez maior do homem pelas máquinas, frias, obedientes e incapazes de criar os ditos conflitos em si mesmas - e, dessarte, mais fáceis de lidar.

A juventude, por conseguinte, insatisfaz-se de um mundo em que é cercada por todos os lados de maneira tão antagônica; que exige criatividade e iniciativa, mas que a poda; o mesmo mundo que clama por mudanças, mas tem preconceito com tudo aquilo que saia do padrão instituído de normalidade. A juventude se cansa, portanto, dos dois ideais aos quais é exposta, por não concordar com um e não poder usufruir do outro da maneira que deseja - e se torna insatisfeita não só com um mundo que vende tudo, mas também com o qual a ilude com suas ofertas.

7º juvenil

Marianna Silva e Souza

Valores relevantes aos irrelevantes

Apenas uma sociedade, e grande parte do povo pensa: "Para que ajudar alguém por bondade se posso simplesmente lucrar em cima disso?". É nossa realidade. Mas por quê? Teríamos nós, valorizado a coisa errada durante tanto tempo? Nos perdemos no meio de tanta riqueza e lucro, e ficamos cegos por nossa própria avareza, ou estamos apenas nos prevenindo para um futuro incerto, e isso é apenas a evolução, não tendo nada de errado em tirar proveito de algumas situações?

Qualquer que seja a situação, a maioria das pessoas tira proveito, isso é fato. É triste viver em tal realidade onde os valores foram esquecidos, e os preços tomaram seu lugar, como sendo a mesma coisa. O homem se deixou levar junto à modernidade, mas esqueceu de evoluir com ela. As máquinas tomaram seu lugar, poupando-lhe trabalho e fazendo-o lucrar. Parece promissor, e até seria, se os homens não estivessem agindo como parte de sua invenção, de forma mecânica, e sem motivos reais para fazer tais coisas. E quanto ao verdadeiro ser humano? Beneficiar o próximo lhe parece bom, caso isso beneficie a ele também.

Gerações inteiras corrompidas por ideias fracas, e jovens aprendendo as mesmas coisas erradas de diferentes maneiras. A perda de oportunidades importantes por conta do cansaço causado em relação a uma sociedade que nada tem a oferecer de bom grado, nem ajuda e nem recursos, e tudo que nos é oferecido hoje, mais tarde é cobrado em dobro. Não por medo, que muitas coisas não são feitas, mas sim por conta da ciência de saber que não compensa ir atrás de algo que não será valorizado como deveria. E, por fim, uma juventude inteira roubada pela falta de consideração do meio em que vive, em ensinar o que é correto, e o que realmente importa. Não são os preços, não são os lucros, não são as cobranças ou as dívidas que importam, mas sim o valor de fazer o que é certo sem esperar nada em troca.

Hoje, ninguém liga em ter uma vida deliberadamente desperdiçada por falta de foco, por priorizar as coisas erradas, as pessoas erradas. Hoje, mas e amanhã? Amanhã pode ser tarde demais para agir em função do bem-estar de outros. As pessoas entendem, mas não prestam atenção, e continuam jogando em nossas costas as consequências de uma sociedade errada e egoísta, e temos que conviver com isso como se não fosse nada. Não temos conquistas, temos prêmios. Não temos moralidade social, temos identidade social. Não temos nada, pois uma sociedade individualista não é bem uma sociedade. E viver apenas por si, não é bem "viver".

É indispensável para a sociedade o reconhecimento dos valores morais em sua evolução durante as gerações, para que assim, um futuro mais agradável possa ser alcançado, e a beleza de uma juventude saudável que reconhece aquilo que realmente importa, preservada. Façamos por todos aquilo que menos da metade faria por poucos, e não somente pelas mudanças e conscientização, mas também pelo prazer de fazer.

8º juvenil

Marília Molinari Nascimento

Tempos modernos em um país de todos

Vivemos tempos modernos: as máquinas sempre mais novas, a tecnologia sempre se atualizando, os centros econômicos se expandindo e os jovens cada vez mais interessados em se integrar num mercado de trabalho que traga as vantagens inovadoras mas que também não deixe de lado o conforto de as oito horas de sono necessárias para o bom descanso de um indivíduo.

No Brasil as oportunidades de emprego crescem desenfreadamente, porém as vagas aparentam estar cada vez mais concorridas e as agências nunca encontram os profissionais que sejam de fato qualificados para os cargos oferecidos, fazendo com que a juventude do século XXI acabe diminuindo as expectativas para com o grupo social no qual foram inseridos.

A sociedade capitalista, assim como o sistema globalizado em que vivemos, buscam apenas lucrar (o foco será sempre um dinheiro que gere ainda mais dinheiro), desde a vinda das grandes empresas para o país, a seleção ficou cada vez mais rigorosa e cada vez menos pessoas se sentiram encorajadas à se arriscar no mundo das concorrências.

Um bom exemplo para situações como a citada anteriormente é o vestibular, sistema que escolhe os alunos com um nível de conhecimento maior para vagas em universidades, tanto públicas como privadas. Consequentemente os que frequentaram colégios privados tem uma grande vantagem perante aqueles que estudaram no sistema público, que mesmo com cotas acabam sendo prejudicados e perdendo a vaga da tão sonhada carteira universitária.

O mundo está demasiadamente seletivo e esta seletividade acaba trazendo enormes inovações, porém acaba prejudicando a maior parte da sociedade, pois estes processos buscam somente os melhores, no entanto não preparam aqueles que não tiveram oportunidades.

O jovem se vê perdido em dados e gráficos estatísticos, porém sem alguma explicação básica. Portanto acabam sendo obrigados a projetar um futuro idealizado pelo meio em que vivem, baseado em homens bem-sucedidos.

Como diria o autor nascido em Praga, Franz Kafka: "Quando você se impõe uma responsabilidade grande demais, você se destrói a si mesmo." E é neste ponto que o jovem se decepciona com a sociedade e a sociedade se decepciona com o jovem, este é o clímax onde se espera demais em algo para o qual ele não foi preparado.

Levando em conta tais fatos, pode-se concluir que o jovem não erra por sonhar alto, pois é necessário criar grandes planos e, acima de tudo, correr atrás para concluí-los, todavia, deve-se abrir oportunidades e vagas para que isso se torne possível. Não basta apenas distribuir alguns peixes, é necessário ensinar cada membro da sociedade a pescar, para que então todos concorram de forma justa pelo alimento desejado.

9º juvenil

Thaís Fernanda Gonçalves

Preços e valores

Os valores na vida têm suma importância, pois eles constituem o que cada um é. Os ideais de alguém originam-se principalmente em sua infância, pois é lá que adquire-se algumas experiências que para a criança é o que ela irá estimar no futuro, o que irá se apegar, se é mais ao dinheiro ou àquilo que não se pode comprar.

Muitas pessoas resumem a felicidade ao poder aquisitivo até perceberem que esta sensação não pode ser vendida, é bem certo que o dinheiro ajuda muito, mas chega uma hora em que os bens materiais não satisfazem mais as pessoas e mesmo com muito dinheiro ainda falta algo em suas vidas. Porém também existem aqueles que não precisam de luxo e bens materiais para alcançar a felicidade e satisfação todos os dias, alcançado estes como recompensas de um real merecimento.

Nessa sociedade capitalista tudo tem um preço, desde objetos até seres vivos, inclusive humanos. Como consequência disso temos pessoas cada vez mais egoístas e hipócritas, verdadeiramente tristes e vazias que sabem o preço de tudo, mas não sabem o valor de nada.

Os jovens, que até então são os mais afetados pelo consumismo, já estão se cansando desta situação por necessitarem de algo mais, que realmente traga um prazer que não dure somente alguns minutos. Recentemente aconteceram grandes manifestações e protestos que mostram o agir desta geração que deixa para trás o alienamento e acomodação políticos.

Não devemos basear tudo em competições e *status*, destruindo os princípios, valores e até forçando uma inversão do mesmo. Quantas vezes presenciamos situações em que alguns por estarem com roupas e aparelhos caros, melhores e de marcas famosas se julgam superiores a

outros sem saber ao menos o nome da pessoa? O importante é o que o julgado inferior tem por dentro e não a sua singela capa.

O valor tem que ser dado ao que se é conquistado, sem que o dinheiro possa comprar! Aquilo que traz a verdadeira felicidade vem de forma honesta e merecedora. Como por exemplo, o mostrado em comerciais dos cartões *master card* que dizem respeito às muitas coisas que não tem preço. Para muitos tudo vem de mão beijada, resultando na constante insatisfação e ingratidão, o que esses muitos não sabem é que a insatisfação também é contínua e só será preenchida quando a alegria se tornar constante.

Entretanto não é preciso se livrar de tudo que lembre dinheiro para ter a satisfação, deve-se entrar em um equilíbrio, pois os bens aquisitivos podem sempre aprimorar a vida deixando-a completa.

Os valores são o alicerce da vida de alguém, aquilo que constitui os seus ideais e princípios, ao que se dá mais atenção e baseia sua vida, de acordo com que suas escolhas e atitudes dependam deles independente da situação, também podemos encará-lo como a estima que se dá a algo, por isso pode ser comparado ao preço, que é quanto algo "vale", sendo assim o significado de valor é bem mais abrangente que o de preço que se refere principalmente ao custo financeiro de algo.

10º juvenil

Camila Maria Trindade

Que tenhamos vida, e que a tenhamos em abundância.

"Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma a vida não para". Lenine fora muito feliz exprimindo o sentimento de muitos jovens nesta canção. Dia após dia a sociedade nos impõe seus ditames de "Sejam bons filhos, bons alunos, bons sonhadores, bons revolucionários, bons cidadãos, bons amigos, amantes", em outras palavras, bons indivíduos que nós nunca conseguimos ser. Até a mídia exerce sua influencia com seus anúncios pseudo-perfeitos de "Compre isso, seja aquilo, faça dessa forma, não

fique de fora dessa!", o que faz aumentar ainda mais a pressão que sofremos desde que começamos a virar "gente grande".

Fomos moldados desde sempre para nascer, crescer, amadurecer e começarmos a tomar as nossas próprias decisões. A sermos fortes, a lutar pelos nossos ideais, mas no exato momento em que isto deve ser posto em prática, nos é conferido um medo, um receio, que não dispõe de explicação.

E então, nos vemos perdidos, confusos. Temos lá nossos dezesseis, dezessete anos e nossas escolhas que até ontem se baseavam em coisas simples, como com quem iríamos fazer dupla na escola, ou com que roupa você iríamos à festa, agora dão lugar as escolhas tão complexas e tão responsáveis que então a vida nos exige uma maturidade que nós nem sabíamos que tínhamos.

Outro fator que também contribui para a nossa confusão é o advento da indústria de consumo, que prioriza a ideia de que a felicidade plena exige os últimos celulares lançados, os tênis mais transados, os Tablets, os Iphones, Ipads, e outras futilidades da vida. Diariamente somos bombardeados por músicas dos mais variados estilos, de vídeos, de séries, de redes sociais e afins, que teoricamente foram criados para o nosso bem estar.

São tantas informações, tantas novidades, tantos imperativos que nós nos perdemos em nossa própria confusão. A grande verdade é que nós nunca precisamos de tantas coisas as quais são nos oferecidas agora. Há poucos anos atrás, não havia tanta tecnologia, mas nem por isso os jovens eram menos felizes.

Mas espera, quando é que nos esquecemos do que realmente importa? Quando foi que começamos a trocar as nossas tardes de domingo embasadas por convívio familiar, por computadores, jogos e vídeo games?

Há certa beleza em ainda acreditar na simplicidade da vida. Em sentir-se feliz em uma tarde morna, debaixo de uma árvore lendo um livro, em viver um dia de sol depois de uma noite de chuva, em parar de correr um pouco, andar mais devagar, ver como a natureza em sua essência é perfeita, em sorrir para desconhecidos e ser cortês com eles, em olhar pra o céu e ver que o mundo é infinito, e seu, se você quiser.

Ainda queremos acreditar em romances, em amores leves e puros, em pessoas boas. Acreditar que vamos realizar todos os nossos sonhos, e todas as nossas utopias, acreditar que um dia, todos haverão de ser felizes, acreditar na paz, na justiça, na igualdade, no amor mútuo.

Somos tão jovens, não precisamos correr tanto, temos uma vida, uma história pela frente ainda. Paremos um pouco, respiremos um pouco, estabeleçamos nossas metas e nossos ideais, renovemos a fé que depositamos em nós mesmos, cuidemos das pessoas que realmente nos querem bem, como diria Fernando Pessoa, abandonemos as nossas roupas usadas que já têm a forma do nosso corpo, esqueçamos os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares, coloquemos um sorriso no rosto e saíamos em viagem a fim de encontrar a nossa felicidade, a fim de nos tornamos a melhor versão de nós mesmos.

11º juvenil

Maristela Yanca da Silva

O jovem e o comércio da felicidade

Hoje mais do que nunca, nesta sociedade globalizada, movida pelo capitalismo, o poder – proporcionado pelo dinheiro – dita quais os passos a serem seguidos na busca pelo sucesso profissional e pessoal. As pessoas vivem insatisfeitas, à procura de algo que complete sua felicidade, muitas vezes, sem se dar conta que já têm o essencial. Nesse sentido, o precisar se confundiu com o querer e as pessoas passaram a dar valor ao que se tem preço e não às demais coisas da vida que não se pagam. Em meio a este cenário, qual é a postura do jovem em relação a tais aspectos da sociedade? E como isso influencia sua vida?

A juventude é um “alvo fácil” para a publicidade, pois esta é a idade na qual se é mais influenciado. Propagandas e anúncios geram no público o desejo por um consumismo desenfreado, na ânsia de possuir bens atualizados, já que diversos produtos são constantemente substituídos por outros mais modernos, mais atuais. Nesse processo de venda e compra, o único interesse é o lucro e, isso com certeza influencia o modo de pensar e agir da juventude.

É claro que adquirir um objeto desejado é prazeroso, mas é preciso atentar para a real necessidade de tê-lo, porém, muitas vezes, as pessoas

utilizam essa sensação de bem estar que consumir proporciona para sentir-se melhor diante de alguma frustração, o que pode gerar outra aflição, caso não seja possível ter o que se deseja.

Ao se deparar com tal situação, o jovem se vê impelido a conseguir recursos para ter o que quer. Por isso, por tantas vezes, o que o motiva a dedicar-se a estudar e se formar em alguma profissão é somente a remuneração, e não o prazer pelo que irá realizar. Isso resulta em um profissional insatisfeito com seu cargo ou função, que não executa suas atividades com competência.

Na vida pessoal, o jovem também é influenciado pelos valores da sociedade. O "status" é o principal aspecto levado em consideração na busca por um(a) companheiro(a), na maioria das vezes, e entre amigos, expor suas conquistas e objetivos ganha mais espaço que há algum tempo atrás.

O saldo positivo deixado por essa ordem ditada pelo capitalismo é uma constante busca por sucesso, motivando as pessoas a desenvolverem cada vez mais suas potencialidades. Entretanto, da mesma forma que beneficia, este sentimento de insatisfação pode se transformar em ganância e prejudicar a felicidade daquele que busca evolução, fazendo por exemplo, com que pais ou mães passem mais tempo trabalhando que com sua família, com o objetivo de proporcionar-lhes a melhor qualidade de vida possível, e se esquecendo de que sua presença, carinho e atenção são fundamentais.

O consumismo e os avanços tecnológicos têm diminuído a intensidade das relações interpessoais, deixando o ser humano cada vez mais individual e, talvez por se dar conta do que seu futuro lhe reserva, o jovem sintam-se desmotivado a fazer parte de tudo isso.

12º juvenil

Vitória Araújo Pessoa

Um mundo que já não oferece nada

A sociedade como um todo chegou, talvez a seu estado de mais avanços em relação às tecnologias. Existe um anseio por parte do ser humano de estar em constante desenvolvimento e aprimoramento de tudo o que já se produziu. No entanto, tamanho desenvolvimento não gera somente benefícios para a humanidade. A propósito, no contexto do mundo atual, humanidade e desenvolvimento tecnológico constituíram-se como rivais.

Tal rivalidade é manifesta, principalmente, pela elevação do capital e em detrimento dos valores éticos, morais e culturais. Como exemplo disso pode-se citar a corrupção tão frequente no meio político.

Esta inversão de valores não é apenas perceptível aos olhos das gerações mais antigas, que testemunham da enorme diferença entre as épocas, mas também aos olhos dos jovens, incrivelmente, de uma maneira superior a qualquer outra faixa etária.

A juventude da atualidade não se constitui apenas de garotos e garotas que desfrutam da diversão e descontração tão características a esse período da vida. O mundo atual exige muito mais dos jovens, eles são o principal alvo da maioria dos novos empreendimentos e também da mídia em geral. Além disso, há uma pressão referente às escolhas que se tomam nessa fase da vida e, por conta disso, tornou-se uma fase que traz consigo diversas competições resultantes do rigoroso sistema capitalista que, hoje, torna-se mundial.

Esses fatores só afloram a imensa insatisfação dos jovens em relação a esse sistema, que visa nada mais do que o sucesso material, o que, segundo os filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer pode ser definido como a razão instrumental do ser humano, ou seja, a razão que privilegia apenas o instrumento, o capital.

Como resultado dessa supremacia do capital no mundo atual, nota-se a transformação da cultura em mercadoria. O universo cultural também foi destituído de sua humanidade. Produz-se apenas com o objetivo de ganhar e vender. Não há mais cultura erudita ou mesmo a cultura popular, mas no lugar destas surge a cultura de massa, onde a principal intenção é atrair a atenção da população para produzir maior capital e não o de trazer lazer e conhecimento à sociedade.

Em um mundo onde as relações entre seres humanos são regidas por mercadorias e a razão, os valores e a humanidade tornam-se apenas instrumentos com os quais os indivíduos simplesmente se conformam com às exigências da sociedade, a insatisfação da juventude é cada vez maior “perante um mundo que já não oferece nada, só vende”.

Ser gente é mais do que apertar parafusos

A sociedade vem sendo configurada cada vez mais com o formato das máquinas. São embutidos nos seres humanos sistemas reinstaláveis através de palavras caracterizadas pelo modo imperativo. Em casos nem tão extremos, encontramos parafusos em lugar de articulação. Com isso, as pessoas nada mais são do que seres condicionados a viver num mundo irreal, de buscas por coisas supérfluas que as tornam cada vez menos “gente”.

Há alguns anos, com o início da utilização das máquinas, a produção em larga escala tomou conta das fábricas. Já era de se esperar que a utilização das novas tecnologias, determinasse uma nova forma para o trabalho do indivíduo. O produto que antes era feito em sua totalidade por uma só pessoa passava a ser produzido de forma fragmentada, criando assim, uma divisão do trabalho por tarefas. Como o trabalho é fragmentado, ou seja, cada trabalhador com a sua tarefa, a pessoa não consegue mais visualizar o valor do seu empenho na dimensão do produto. Assim, o apertador de parafusos, por exemplo, que exerce sua função o dia todo perante uma esteira que repassa continuamente peças e mais peças sob as suas mãos, não consegue ter a percepção do que o fato de apertar parafusos agrega na origem do produto final.

Com a fragmentação do trabalho houve uma desconexão social, fazendo assim, com que o homem se tornasse cada vez menos “gente”, afinal, estabelecer relações é o que modifica uma sociedade. Consequentemente, o homem não se sente importante no papel que desempenha, e também não consegue perceber que as pessoas que estão ao seu redor são seres humanos, que tem sentimentos e que precisam ser tratadas com amor. Ora, se o trabalho humaniza, a apropriação do trabalho que passa a ser adotada desumaniza o homem, pois ele não mais se percebe com um valor no mundo. Assim, não é difícil notar que este torna-se só mais uma peça, independente do meio em que está envolvido.

Ainda há quem pense que nos dias atuais isso não acontece, mas trazemos traços dessa época até hoje em nossa sociedade. Não nos percebemos no mundo! Por isso, engavetam-se os sentimentos e os dias transformam-se em monotonias. Isso se daqui a algum tempo, não buscarmos uns nos outros botões de liga e desliga. Até quando a vida humana não será celebrada e metaforicamente será mais uma peça sobre a esteira de uma fábrica, que desliza em meio a tantas outras para ser parafusada?

Numa época em que a rapidez envolve o cotidiano das pessoas, a medida de tempo mais importante é o segundo. A velocidade é tamanha que o internauta entra em desespero quando uma página da internet demora alguns segundos a mais para carregar o seu conteúdo. Em pouco tempo, tudo se torna ultrapassado, ao passo que a nossa felicidade não deveria depender de nada que se pudesse perder.

Debater ideias por alguns segundos com alguma outra pessoa, estabelecendo um convívio interpessoal, muitas vezes, é visto como tempo excessivo. Mas passamos horas sem se quer que percebamos

rolando o mouse (ou numa tecnologia mais avançada, deslizando o dedo) na frente de uma tela digital, abarrotando-nos de informações supérfluas que possivelmente serão esquecidas dentro de um prazo mínimo de tempo. Outra demasia comum é publicar numa página própria de rede social uma mensagem que deseja um bom dia as pessoas interligadas à sua rede, enquanto não se há a capacidade de reproduzir tal cumprimento sequer às pessoas que o rodeiam no dia a dia – de fato, quando essas pessoas se cruzam, nem ao menos se obtêm um olhar face a face, talvez porque as cabeças encontram-se inclinadas para baixo, atentas num aparelho eletrônico. A questão é que a sociedade está deturpada.

Enquanto a tecnologia for usada sem uma devida interpretação, seremos apenas apertadores de parafusos (ainda que robotizados), de peças que deveriam ser seres humanos. As pessoas não podem se tornar máquinas, que fazem apenas trabalhos repetidos. Não! As pessoas têm sentimentos. Elas precisam sonhar, precisam de tempo para pensar, sorrir, sentir, amar... Enfim, as pessoas precisam viver!

2º adulto

Maria do Carmo Santos Antonelli

Superdosagem

Nem todo mundo sabe que, etimologicamente, a palavra máquina deriva do latim *machina*, que quer dizer "engenho, aparelho" e do grego *mekhane*, relacionado com *mekhos* que significa "meio, remédio". Mas o que muita gente sabe é que, se o conceito de máquina provém da palavra remédio, está havendo uma superdosagem da utilização das máquinas pela atual geração.

Superdosagem esta que talvez já existisse há décadas atrás, quando Charles Chaplin, com sua genialidade ímpar, se expressava por meio do filme "O Grande Ditador"; mas que vem sendo exacerbada com as gerações X, Y e Z, que são gerações que passaram a se conectar através de dispositivos portáteis e a assumir um caráter cada vez mais imediatista.

As máquinas que garantem esse imediatismo de comunicação, informação e produção são as mesmas que contribuem para que as pessoas se tornem mais independentes e menos virtuosas, considerando que as virtudes que têm sido perdidas não são só a afeição e a doçura como bem lembrou Chaplin. Perdeu-se mais do que isso. A humanidade se perdeu.

No ímpeto de querer avançar, e produzir, e lucrar, e pensar, a sociedade exagerou na dose. Se supermedicou e hoje precisa de tratamento. A começar pelas crianças que nascem na atual geração,

intitulada Alfa. Se não forem educadas a ponderar o tempo gasto em frente a telas e o tempo gasto brincando na rua, pulando, correndo, dando cambalhotas, estarão propensas a diversos problemas, como, por exemplo, o analfabetismo motor, que já vem sendo detectado nas crianças Alfa pelos educadores físicos.

Dando continuidade no tratamento, não se pode negar que os adultos precisam das máquinas em seu trabalho e na vida pessoal, entretanto, será preciso que eles encontrem um equilíbrio na utilização delas para que não se tornem - ainda mais! - escravos da sua própria criação, das máquinas. Assim eles não precisarão chegar ao ponto de ter que passar um tempo em um hotel de "desintoxicação digital", como existe atualmente em Pittsburgh, nos Estados Unidos, a fim de que a família se desconecte das redes e se conecte entre si.

De fato, se a humanidade chegou ao ponto da necessidade do "digital detox", nome dado as iniciativas que visam o simples relacionamento entre pessoas longe das máquinas, como a do hotel acima citado, é sinal que algo está errado. E para corrigir o que está errado é preciso diminuir a dose. A doença da humanidade tem cura. Basta que o homem utilize sua inteligência para fazer as ponderações necessárias compreenda que "além" de inteligência, precisamos de afeição e doçura.

Finalmente, entende-se nem tudo está errado, já que como a própria etimologia da palavra máquina aponta, sendo ela um remédio, é necessária em algumas situações e pode ser até indispensável em outras. Entretanto, um remédio tem de ser bem dosado para que tenha efeito benéfico e, se a humanidade não se atentar aos sintomas da superdosagem "a vida será de violência e tudo estará perdido" (Charles Chaplin).

3º adulto

Carmen Aline Alvares Nogueira

É preciso ser humano

No século XX, o homem realizou uma grande revolução tecnológica, reduzindo distâncias geográficas e ultrapassando barreiras em termos de

comunicação. Atualmente, pode-se dialogar com alguém que está há milhares de quilômetros de distância e realizar, em algumas horas, viagens que demoravam dias. Tudo isso poderia ser utilizado para aproximar as pessoas. Será?

Ao mesmo tempo em que avançamos na produção de tecnologias, desaprendemos o que é ser humano. Fazemos parte de uma sociedade desigual, consumista, fundamentada na exploração e na intolerância, que preza a individualidade e o egoísmo em detrimento da coletividade e do bem comum. O capital tenta nos fazer acreditar que ter é mais importante do que ser, que a aparência é mais importante do que a essência. Muitas pessoas fazem qualquer coisa para conquistar bens materiais que, daqui a pouco tempo, se tornarão obsoletos. A vida foi colocada em segundo plano e o capitalismo criou um grande abismo entre nós.

A maioria das pessoas está tão preocupada em realizar grandes feitos ou em conquistar coisas que julgam importantes que se esquecem de viver. Não valorizam as coisas simples e belas que permeiam o cotidiano, não apreciam a sombra de uma árvore, não desfrutam do calor do sol, não caminham despreocupadamente e não sorriem para os outros. Possuem milhares de amigos nas redes sociais, mas são incapazes de retribuir um "bom dia" ao vizinho. Estão tão preocupadas em serem bem sucedidas que nem percebem que a relação com o outro é um dos caminhos para a felicidade.

Por vezes, privamo-nos de abraços e beijos inesperados, de emoções e de tudo que foge ao nosso controle. Ficamos incomodados com aquilo que pode abalar as estruturas do nosso pequeno universo individualista. Deixamo-nos cegar pela intolerância e pelos preconceitos de toda ordem. Temos medo de demonstrar nossos sentimentos porque vivemos em uma sociedade em que expressá-los é sinal de fraqueza. Uma sociedade em que o homem é ensinado a não chorar, em que precisa ser forte o tempo todo porque só os fortes sobrevivem perante a lei da selva. O homem chegou à lua, mas ainda tem dificuldades de olhar para quem está ao seu lado e se afasta, justamente, do que o faz humano: o convívio com os demais. Chegamos a um ponto em que contrariamos nossa própria humanidade.

Será que estamos nos transformando em máquinas?

De repente, temos a sensação de que não estamos vivendo e de que algo tem se perdido pelo caminho. Parece que estamos apenas passando pelo tempo e que os dias se acumulam sem nos acrescentar absolutamente nada. Felizmente, é esse vazio que nos leva a refletir sobre a vida e nos permite traçar novos caminhos.

Nesses momentos de crise é preciso reinventar-se, retomar o que se perdeu. Cada vez que uma criança sorri, cada vez que um casal se beija

ou que alguém conta uma história, é tempo de fazer tudo diferente. Sentir mais, pensar menos. Ser mais, ter menos. Sentir mais amor, ter menos preconceito. Se emocionar com uma música, abraçar um amigo, conversar com alguém na fila, plantar um jardim, se apaixonar seja lá pelo que for... Precisamos nos aproximar dos outros sem interesses, transformar a gentileza em rotina e lembrar que é impossível viver sozinho. São esses pequenos gestos que resgatam a nossa humanidade, inspiram outras pessoas e podem mover o mundo para outra direção, nos permitindo viver plenamente.

Nenhuma tecnologia tem importância se não servir para aproximar um coração humano de outro. As máquinas podem deixar de existir, as tecnologias surgem e desaparecem com uma velocidade cada vez maior. Só o que sentimos resiste ao tempo e ao espaço, é eternizado na memória. Uma vez ou outra, alguém sacode a realidade com essas ideias. Pessoas que nos fazem lembrar o que parece óbvio, mas que, por ser tão simples, corre o risco de ser deixado para depois, sem desconfiarmos que depois possa ser tarde demais. Pessoas que revolucionaram o mundo através do amor, fazendo o bem ao próximo, que sonharam e que nos inspiram a sonhar e lutar por mundo diferente. Nunca foi tão necessário resgatar o essencial da vida: o amor.

4º adulto

Mariana Antonelli

Involuções na evolução

A partir do entendimento de que a evolução está associada a mudanças que conduzem a um progresso, é possível considerar que a humanidade evoluiu. A passagem da quadrupedia à bipedia, do pombo-correio ao email e da produção artesanal à maquinofatura apontam aspectos históricos evolutivos. Em contrapartida, há quem questione a evolução da humanidade, como o filósofo Friedrich Nietzsche, que é categórico ao afirmar que "ao contrário do que hoje se crê, a humanidade não representa evolução para algo melhor ou mais elevado".

Da mesma forma que Nietzsche, o ator Charles Chaplin questiona a evolução ao dizer que "mais do que máquinas, precisamos de humanidade". Com base problematização feita por ambos, pode-se considerar que a existência de pensamentos arcaicos em tempos modernos aponta algumas involuções na evolução, ou seja, ao mesmo tempo que não se pode negar os progressos trazidos pelas máquinas, é preciso reconhecer que as elas trouxeram regressos perceptíveis.

O aparelho celular, por exemplo: é capaz de aproximar quem está distante, embora possa distanciar quem está perto. Já a televisão, ao mesmo tempo que traz informação, promove desunião da família nos

momentos de refeição que antes eram feitos à mesa. A internet: a cada dia se torna mais acessível e torna as pessoas menos acessíveis para encontros no parque e nas praças, como se tinham antigamente com mais frequência. Os videogames: são capazes de entreter as crianças, mas também podem privá-las de brincadeiras e vivências da infância.

Há um verso do poeta Carlos Drummond que se relaciona ao tema e que parece ser uma verdade eterna: "Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples". Os videogames modernos exemplificam disso. De fato, não seria mais simples - e mais saudável inclusive - praticar esportes com os amigos na rua, no quintal, na escola, que praticar de frente para a TV interagindo com uma tela? Ou cortar o pão com uma faca normal ao invés de cortá-lo com uma faca elétrica, ou ainda; ter amores reais a ter amores virtuais?

Em meio a este emaranhado de contradições teve origem a principal delas, em pauta nesta discussão: a humanidade caminha para a evolução ou involução? Eis a questão! Optar por uma implicaria negar a outra, portanto, compreender que na evolução houve involuções parece ser um caminho seguro a seguir. Igualmente seguro é praticar o que Chaplin sugere no filme "O Grande Ditador", referente a sentir mais, pensar menos e celebrar a vida.

Contudo, enquanto se complicar o que é simples e se esquecer das virtudes, não haverá motivos bastantes para celebrar. Para se chegar aos caminhos da liberdade e beleza, como almejava Chaplin, é preciso descartar pensamentos arcaicos e entender que o mundo será melhor se as crianças passarem mais tempo com os pais que assistindo televisão, se os jovens ficarem menos tempo nas redes sociais e derem mais importância às conversas presenciais, se os adultos se dedicarem à família tanto quanto (ou mais!) se dedicam ao trabalho, se os mais velhos forem respeitados e se as máquinas não forem o foco, mas um recurso possível.

Na época em que o cinema era mudo, muito foi dito. E após quase um século passado, muito do que foi dito continua a ser verídico. A ênfase nas máquinas da Revolução Industrial deu lugar à ênfase nas máquinas portáteis de hoje em dia (celulares, notebooks, videogames). Mas a ideia de que a máquina tem-nos deixado em penúria permaneceu. Falta afeto, atenção e paciência, e sobram tecnologias. Sendo assim, nada contra a complexidade e a evolução das máquinas, mas tudo pela simplicidade e involução daquilo que faz a humanidade retroceder.

5º adulto

Gilda de Fátima Gotardo

Um mundo novo é possível

A história da humanidade é formada de imprevistos, dúvidas, progressos e retrocessos, portanto, um complexo de ordem, desordem, organização e desorganização. O caminho da humanidade foi arquitetado a passos largos e muitas vezes desconectado da realidade humana. A incapacidade em articular os diversos conhecimentos para enfrentar os desafios provocou a cegueira coletiva, e com ela a destruição de civilizações nos diferentes espaços e tempos históricos. Os conflitos e problemas globais da época atual se intensificaram de maneira surpreendente devido à inabilidade dos homens em articular as informações e o uso da tecnologia para a construção de uma sociedade mais justa, integrada e solidária. O ser humano se extraviou da beleza, do amor, e acima de tudo, do respeito ao próximo.

O século XVI é o marco inicial da globalização e desde o século XX a humanidade convive com a mundialização. A globalização e a ciência unificou o mundo e ao mesmo tempo ampliou as desigualdades sociais, econômicas e culturais. Portanto, frente aos inúmeros acontecimentos mundiais faz sentido chorar, amar, brincar, compreender, persistir, lutar. O desafio do ser humano no século XXI é resistir à barbárie de épocas e acontecimentos cruéis que marcaram a história da humanidade. É necessário ver o mundo e a existência humana como obras da criação divina, repleta de vida e amor, e não fruto do desenvolvimento tecnológico, da fragmentação do conhecimento e das conquistas por meio de guerras.

As máquinas construídas pelo homem para o desenvolvimento humano na Terra não reduziram as distâncias atreladas à hierarquia social, pelo contrário, intensificaram as desigualdades socioeconômicas, além de provocarem o esgotamento dos recursos naturais e o desequilíbrio ambiental. A internet se intensificou rapidamente e hoje é acessada por milhões de pessoas diariamente em todos os locais do globo e por todos os níveis sociais. As redes sociais se tornaram ponto de encontro entre os diferentes sexos, idades, raças, credos e princípios, porém, para acessar, ensinar e aprender com o uso da internet é necessário ter a disposição um privilégio cultural atrelado ao privilégio social.

As redes sociais aproximam as pessoas virtualmente e as afastam do abraço, da troca de olhares, do muito obrigado, da lágrima e do sorriso. Comunicamos de forma virtual, mas não conseguimos ouvir o grito daqueles que nos rodeiam. A vida não é construída por fios, telas, botões, conexões, desconexões, mas sim, composta pela alma que sente e se emociona. Mais do que inteligência eletrônica e cibernética necessitamos de afeição, companheirismo e a consciência de pertencermos à condição humana. Devemos reivindicar dos governantes o respeito e a ética, mas acima de tudo devemos mostrar respeito e ética ao próximo e ao planeta

no qual habitamos. A construção da cidadania se faz pela participação democrática e não pela guerra em vão que só traz a destruição da integridade humana.

A Revolução Tecnológica que se intensificou após a Revolução Industrial modificou profundamente nossa existência e deve ser analisada em suas implicações mais profundas. O verdadeiro desenvolvimento deve compreender a consciência do ser humano pertencer à espécie humana, para tanto, persistir em construir um novo mundo, sem perder a fé, a solidariedade, o respeito e a ética.

A humanidade se desenvolveu, evoluiu, criou, se expandiu, progrediu, bem como, destruiu, humilhou, guerreou, reivindicou, lutou, e ainda luta por um mundo melhor. O homem é ao mesmo tempo indivíduo e parte integrante da sociedade. Todas as crises políticas, econômicas, sociais, culturais, ambientais e morais do passado e do presente são circunstâncias da própria humanidade que não conseguiu, e ainda não consegue se tornar mais afetuosa e fraterna. Um mundo novo é possível quando há esperança, portanto, mais do que máquinas precisamos de humanidade.

6º adulto

Amanda Teixeira Garcia da Silva

As pessoas continuam necessárias

O progresso industrial deveria ter contribuído para a construção de uma sociedade mais desenvolvida e humana. No entanto, as máquinas favoreceram a desumanização do homem e de suas potencialidades. Neste cenário conturbado, Charles Chaplin, no filme O Grande Ditador, convoca o povo a lutar contra uma globalização desprovida de solidariedade.

Quando os homens são capazes de administrar o desempenho das máquinas, o progresso industrial torna-se positivo. Entende-se que, o desenvolvimento de uma nação se dá com investimento em pessoas. Precisa-se formar cérebro e coração. Entretanto, verifica-se o contrário na sociedade. O advento das máquinas não contribuiu para o

desenvolvimento de uma sociedade mais humana. O respeito e a fraternidade foram repelidos nas cogitações de progresso.

O avanço das máquinas favoreceu a desumanização do homem. O ser humano, que é o maior produtor e o maior consumidor, foi reduzido ao maquinismo. O homem, que é de um valor absoluto e inviolável e, que merece supremo respeito, está preso a um sistema opressor de exploração. Pressente-se que, a tecnologia e a inteligência, sem humanidade, podem levar o mundo ao caos e à destruição.

Neste contexto conturbado reina a competição, o individualismo e a idolatria ao dinheiro. Observa-se que, a cultura humana se firma na falsa perspectiva de que a realização do ser humano se dá apenas pelos bens materiais. Na contramão desse cenário, encontra-se Chaplin que, com seu grito desafiador, alerta a sociedade de que "mais do que máquinas, precisamos de humanidade". Faz-se necessária a luta por um mundo melhor e uma sociedade orientada pelas leis da fraternidade.

Diante da realidade conflituosa e insustentável que foi discutida até aqui, pensa-se que, se o ser humano quiser, poderá considerar a mensagem de Chaplin e aplicá-la. Vislumbra-se a possibilidade da construção de uma sociedade mais humana e fraterna, pautada no afeto e no respeito, pois a estabilidade do mundo começa no coração. Deseja-se que, a fraternidade vença a difusão da globalização da indiferença, porque as pessoas continuam necessárias.

7º adulto

Maria Emília Ceratti Missari

Criador e criatura

Mas se o homem é um ser racional, porque tem agido com tanta irracionalidade?

De Australopithecus a Home sapiens sapiens, o homem tem evoluído e, ao longo desse desenvolvimento tem criado invenções para suprir suas necessidades, seu conforto, seus desejos e seus prazeres.

São inúmeras as descobertas e invenções do homem: o fogo, a roda, a pólvora, o telefone, a eletricidade, o avião, a penicilina, a energia nuclear, a televisão, o computador, a internet e inúmeras outras. O homem é, indiscutivelmente, um ser dotado de uma inteligência aprimorada, porém, criador e criatura nem sempre tem mantido uma relação amigável, pois a ganância e o ódio tem impulsionado esse ser racional a cometer grandes atrocidades com suas descobertas e invenções.

Produzido na Pré história, o fogo garantiu um grande avanço, pois o homem podia iluminar a caverna, cozinhar a carne, espantar os animais selvagens e garantir o aquecimento nas épocas de frio intenso. Posteriormente, com a descoberta da pólvora e a facilidade na aquisição do fogo, este foi usado para queimar vivas pessoas que, por algum motivo, eram acusadas de heresia. A pólvora alimentou e ainda alimenta armas capazes de destruir toda uma nação. Homem matando homem!

O avião, criado em 1906 por Santos Dummont, possibilitou que o homem se deslocasse quilômetros de distâncias em um tempo bastante reduzido. Uma importante criação para o homem! Porém, em 11 de setembro de 2001, vindo do céu, um avião defrontou-se, propositalmente, com duas torres comerciais, matando aproximadamente 3.000 pessoas. O ódio fez de uma brilhante criação um instrumento de terror.

Mais recentemente, o advento do computador e da internet trouxe o rompimento de barreiras geográficas, o acesso imediato às informações e a facilidade na utilização do tempo, mostrando-se como uma ferramenta de infinitas potencialidades. Mas o homem, com sua irracionalidade tem utilizado essa ferramenta de maneira errônea para provocar um tipo violência conhecida como "*Cyberbullying*", que consiste em usar o espaço virtual para intimidar, hostilizar, difamar, insultar e atacar covardemente uma pessoa.

Se o homem perdeu-se ao longo do caminho, é chegada a hora de reencontrar-se. Se a ganância, a soberba e a irracionalidade o fizeram máquina, é hora de oportunizar que a bondade, o respeito e a sensibilidade o façam humano.

Precisamos que homens, exemplos de bondade, continuem a surgir e a inspirar outros homens. Precisamos que Terezas, Chicos, Herberts, Nelsons, continuem mostrando ao mundo de que todos devem ser tratados como irmãos, de que dentro de cada homem existem sentimentos belos, capazes de modificar o mundo e construir uma nova história.

Mais do que inteligência precisamos de afeição e doçura!

8º adulto

André Teluazu Kondo

Asas

Ao olharmos para o céu, o que haveria de mais belo do que o caminho de um pássaro em pleno voo? Está ali a expressão viva da liberdade e da beleza. Quando Santos Dumont nos deu asas, não seria para que pudéssemos também compartilhar deste caminho? Porém, nos extraviamos e nos perdemos na horrenda vereda da guerra. Se seguirmos este caminho até o fim, onde chegaremos? Com certeza não será ao céu, mas ao retorno para a terra, para debaixo dela, na cova de uma humanidade perdida. Há outro caminho? “Mais do que máquinas precisamos de humanidade. Mais do que inteligência precisamos de afeição e doçura”, indicou Chaplin em um de seus filmes.

Santos Dumont disse que almejava a “aeronáutica para fins pacíficos, realização de minhas íntimas ambições, sonho daqueles inventores que só viram no aeroplano um colaborador da felicidade dos homens”. Infelizmente, teve o desgosto de ver sua invenção sendo usada na Primeira Guerra Mundial. Depois, não suportou ao ver os aviões sendo utilizados em uma guerra entre irmãos, em sua própria pátria, durante a Revolução Constitucionalista de 32. Suicidou-se após o ataque aéreo a São Paulo.

O que Santos Dumont sentiria se tivesse vivido para ver as atrocidades de Hitler com sua *Luftwaffe*, a semear o terror nos céus da Europa? O que sentiria ao ver sua máquina lançar a bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki? Pensamos em demasia. Pensamos e defendemos nossos pontos de vista com a “razão”, até com guerra! E ao final das batalhas, aprendemos tarde demais que esta razão não valeu a perda de sequer um sentimento. Afinal, que razão justifica o assassinato de uma única criança inocente? Quantas mentes brilhantes não foram utilizadas para desenvolver máquinas de guerra?

“Mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura”. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o coronel e piloto da Força Aérea dos Estados Unidos, Gail Halvorsen, decolou mais uma vez. Sua missão era bombardear Berlim. Derrotado, o povo alemão sofria com as privações do pós-guerra. Um muro foi erguido para separar irmãos. Todavia, no céu não há muros, e Gail Halvorsen sobrevoou as crianças e as bombardeou... com doces atados a pequenos paraquedas. Este gesto inspirou várias outras pessoas, e as crianças dos Estados Unidos, inimigo da Alemanha ainda há pouco tempo, doaram doces e ajudaram a amarrá-los aos paraquedas, para que o piloto pudesse continuar a bombardear as pobres crianças alemãs... com afeição e doçura.

“Mais do que máquinas precisamos de humanidade”. Yasutero Yamada nasceu durante a Segunda Guerra Mundial, e sua infância foi contemporânea à da geração radioativa, de crianças que sofreram com as doenças causadas pelas bombas atômicas. Engenheiro aposentado, sobrevivente de um câncer, passou a vida cuidando de máquinas. Aos 72 anos, após a tragédia nuclear provocada pelo tsunami em Fukushima, Yamada comoveu-se ao ver jovens voluntários se arriscando na contenção radioativa, da usina nuclear destruída. Imaginou que a nova geração teria uma vida inteira para sofrer com possíveis danos a esta exposição. Desta forma, não apenas voluntariou-se ao perigoso trabalho, mas também

recrutou outros idosos para poupar os mais jovens. Mais do que cuidar das máquinas, os idosos cuidaram das pessoas, expondo as próprias vidas.

Exemplos como estes sinalizam virtudes que apontam para um novo caminho, uma nova chance neste mundo aparentemente dominado por máquinas sem sentimentos. Santos Dumont teria certamente apreciado estes gestos. Sua lembrança e legado foram preservados pelo Museu Aeroespacial. E que legado foi este? O museu guarda, entre suas asas de metal, o item mais importante de todos: o coração embalsamado de Santos Dumont, sustentado por uma imagem de um Ícaro de bronze, como que a recordar as vezes em que o homem, ao ter ganhado asas artificiais, as perdeu no infernal calor da guerra. Todavia, para que nunca nos esqueçamos, acima do Ícaro de metal está a peça mais importante da humanidade: o coração humano, que nos deu asas para a paz.

9º adulto

Thiago Roberto Pinsinato Colucci

Revolução Humana

O planeta passa por uma transformação. Expressões como “urgente”, “para ontem”, “metas”, além de desafios infindáveis, superações, etc. estão cada dia mais presentes nesse mundo globalizado, onde a especificidade tem que ser generalizada. É preciso estar atento às informações da televisão, jornais, revistas, sites de notícias, redes sociais, etc. Mas isso não basta, há a necessidade de no mínimo dois celulares, “IPOD”, “IPHONE”, “Notebook”, “Tablet” e o que mais surgir. Uma sociedade consumista, em que as máquinas dizem a todos o que querer, o que fazer e como fazer. O ser humano não precisa mais pensar, há quem pense por ele. Será que esse é o mundo evoluído em que se almejava chegar? Será que esse realmente é o caminho para a paz interior, a liberdade? É esse o futuro que se quer? Necessário se faz resgatar a humanidade escondida no íntimo do ser humano.

Poucas vezes na história viu-se tamanha revolução como essa, comparável, talvez, com a revolução industrial do século XVIII. Naquela época houve uma transição dos métodos de produção artesanal para a produção por máquinas, com a fabricação de produtos em larga escala. Substituiu-se o trabalho humano pelo trabalho de máquinas. Hoje, caminha-se fortemente para o mesmo destino, substituindo o ser humano em si, por máquinas sem sentimentos, o que provoca uma falsa sensação de felicidade e liberdade. Veneram-se máquinas e desprezam-se vidas repletas de experiências, aventuras, histórias e amor.

As máquinas existem e deveriam ser usadas para facilitar o convívio humano, encurtando distâncias, eliminando fronteiras, barreiras, enfim, unindo vidas, nações; entretanto, o que se vê é que as pessoas estão virtualmente escravizadas. Pesquisas mostram que a relação de dependência de um indivíduo com “smartphones” é semelhante à por cigarros ou álcool. Houve uma mudança na interação com outros seres humanos, do mundo real para o virtual. Não é estranho verificar-se várias pessoas conversando e se confraternizando via celular, embora estejam no mesmo ambiente, na mesma mesa. Há um aparente e crescente desinteresse pelo ser humano, pela amizade de estar junto, compartilhando um momento único, uma experiência de vida.

Hoje uma amizade é medida pela quantidade de “curtir” ou “compartilhar” que um indivíduo recebe virtualmente. Essas pessoas, por sua vez, são tratadas como perfis de redes sociais, números nos leitos dos hospitais, percentagens nos acidentes de trânsito; só não são a única coisa que deveriam ser: humanos. Onde está a doçura de um sorriso, a beleza de uma atitude de gentileza para com o próximo, a afeição para com um ser que necessita de carinho? As notícias mais violentas são relatadas nos jornais juntamente com as de esporte. Não há indignação do repórter, nem de quem está assistindo. Morrer assassinado é normal. Morrer na fila do hospital é normal. Invadir países e matar pessoas é normal. Há uma banalização da vida, substituída pela supervalorização dos eletrônicos.

A tecnologia é uma realidade e o ideal é que seja usada em prol da humanidade. É necessário que se aprenda a conviver com sabedoria e se esclareça quem controla quem, para que a vida volte a ter seu valor. Enquanto não houver a consciência de que o que realmente importa é o que está vivo, o que bate dentro do peito, a vida seguirá obnubilada por essa globalização selvagem, carente de afeto ou de qualquer resquício de humanidade.

10º adulto

Rita Isabel Marcicano Zini

Prosopopeia inversa

Despertamos ao som de máquinas, uma outra faz nosso café, outra aquece o pão, de qualquer que seja o andar da torre em que nos escondemos, desceremos auxiliados por outras máquinas, para com ainda uma outra, da qual só possuímos alguns dos 36 avos (na melhor

das hipóteses), chegarmos ao trabalho e finalmente encontrar-nos com outras tantas máquinas!

Negar a presença ou a dependência do homem em relação às máquinas é inocência e incoerência, constatada ao simples observar do mundo ao redor. No entanto, pior que negar é ultrapassar a barreira da dependência e chegar à idolatria.

Dependemos e convivemos tanto com as máquinas que às vezes a simbiose dificulta-nos perceber onde termina um e começa a outra. Nessa situação corre-se o risco da mescla descaracterizar totalmente o homem e esvaziá-lo de sentimentos, emoções, memória, que não sejam binárias; e aquele que antes deveria ser quem conduziria fica subjugado.

As engrenagens metálicas, frias e duras influenciam as relações humanas e a assim negar carinho, solidariedade, distanciar-se dos outros, racionalizando sorrisos e pôr-do-sol, é o início de nossa prosopopeia inversa.

Desapropriados de nossas vidas a automação da máquina empresta ao homem a indiferença nas relações humanas: não há dor, não há remorso, não há alegria nem saudade. A sensação estranha que toma conta do homem, "uma insatisfação", é entendida por sua parte máquina como defeito, portanto o correto é trocar-se uma peça, descartar-se outra, ou substituir por um novo modelo PLUSXX pois este está obsoleto.

Trocar de parceiros como se o prazo de validade estivesse vencido, substituir funcionários como se descartam copos plásticos, aumentar o número do sutiã até causar uma escoliose, alterar a cor dos olhos, o tamanho das unhas e tornar uma coisinha – muitas vezes preta, mas nem sempre – um prolongamento do braço entrelaçado aos dedos da mão é apenas natural.

Cabe ao homem tomar pulso de seu destino e no lugar de ceder espaço para as máquinas, recuperar paulatinamente seus domínios e tal qual subjugou os animais ao seu comando fazer das máquinas e tecnologia seus serviços e não deuses ou musas.

Algumas reações nesse sentido parecem tomar forma: próteses devolvendo ao homem a capacidade de correr atrás de seus sonhos; corações artificiais batendo no ritmo das emoções mais fortes; pequenos aparelhos quebrando o silêncio do isolamento.

Velocidade para encurtar as distâncias, qualidade aumentando o conforto e segurança, a informação (e suas versões) ao alcance de todos. Estaríamos vivendo a humanização das máquinas?

As máquinas não precisam ser uma ameaça para o homem. O homem continua sendo seu pior inimigo porque é ele que abre mão de seu papel de criador e se deixa dominar pelos encantos de sua criatura.

11º adulto

Dilma Karoline Acordi

“Gravidade”

A gravidade...

O planeta mudou. De *verde-azul* para cinza. Cinza do metal. Aquele, frio e adaptável, tão útil aos *grandes* do mundo. As crianças estão morrendo em meio ao progresso, mas nada que a sombra cinzenta não consiga engolir. E esquecer.

Estariam as pessoas comendo dinheiro, banhando-se em petróleo, respirando seu metro quadrado e egoísta de poluição? Pois, se estiverem, isso explica muita coisa. Explica por que, ao caminharem, esses seres humanos rangem, rangem feito máquinas, daquelas que necessitam de óleo, de bateria, de objetivos que lhes são impostos. Rangem, andam e comem a própria vida, abocanham-na e a devoram, dia após dia, impiedosamente. Eles almejam os bens *tocáveis* que outros podem lhes oferecer e, visando-os, se esquecem de que há algo que esses mesmos outros não lhes oferecem. Algo que não é tocável, comprável.

Eles não oferecem um toque quente... Um sorriso terno... Um abraço apertado... Uma lágrima de compaixão... Um beijo apaixonado... Ou mesmo a vida que se perde a cada instante.

Pois isso se chama *validade* – no cerne da palavra. É a composição da validade da vida. Os produtos materiais que aqueles outros oferecem em troca das *verdinhas*, possuem suas próprias validades, brevíssimas, esgotáveis, mas que se camuflam por trás do desejo faminto do ser humano pelo “ter”.

A validade da vida é diferente. Ela é maleável, se estende a cada momento de *humanidade* que uma pessoa vive neste mundo... Quando dois semelhantes se abraçam, isso faz imenso bem à alma. O afeto contido naquele abraço não é um preço pago, mas sim uma troca, um *algo* benéfico a ambos: daquele afeto nasce o sentimento de felicidade e satisfação que coloca um sorriso no rosto.

E é este sorriso, dado dia após dia, que faz com que o ser humano *viva*. Não apenas exista... Mas sim, que se deleite a cada instante vivido e apreciado.

Enquanto viverem sob a cobertura pesada de metal que as encobre, as pessoas serão dominadas pela gravidade deste planeta. Serão igualmente pesadas e darão sempre passos calculados à frente. Farão de seus dias, sacos de chumbo que não conseguirão carregar por muito tempo. Sentir-se-ão cansadas a cada suspiro... Mas, terão suas pequenas e desejadas maravilhas modernas e futilmente adquiríveis sempre ao alcance das mãos. Se assim desejarem.

Mas, quando derem espaço para a volta de sua própria humanidade, sensibilidade, emoções, vínculos e, por fim, amor a si e àquilo que já possuem e que não podem comprar, saberão que a gravidade nada significa. E voarão, livres como os pássaros. Poderão se esquecer dos passos rígidos e... dançar. Mesmo que só um pouquinho.

Pois a vida é bela e foi feita para ser vivida, de emoções e de amores.

12º adulto

Renan Nalin dos Santos

Bondade, uma escolha inteligente

A crença no bem e no mal é quase tão antiga quanto a própria existência do Homem. Ainda não existe um consenso sobre a inerência dessa dualidade à condição humana, no entanto suas marcas são evidentes na história da humanidade.

Todo ser humano traz consigo a necessidade de interagir com o mundo e com as pessoas ao seu redor, a intenção de cada ação é o que preconiza, muitas vezes inconscientemente, se o ato culminará num bem maior ou se servirá apenas para benefício próprio, ou seja, cada indivíduo traz dentro de si a capacidade de fazer o bem ou o mal, dependendo apenas de sua própria escolha. Como uma característica única e exclusiva do ser humano, nós temos a consciência, ferramenta esta que sempre nos mantém alerta quando estamos diante de uma situação que exige uma tomada de decisão, nos auxiliando a discernir entre a opção que provocará um bem conjunto, das opções que porventura podem causar algum tipo de injúria.

Muitas linhas de pensamentos religiosos ou filosóficos exprimem a ideia da malevolência como uma consequência da condição humana, ou do livre arbítrio. Mas podemos notar também nas principais religiões ou filosofias do mundo a existência do conceito da bondade, onde todos devemos buscar fazer o bem e não o mal, pois o primeiro busca a harmonia entre todos os seres e com o ambiente em que vivemos enquanto o segundo provoca a destruição e o sofrimento.

Podemos verificar o intuito da bondade, por exemplo, expressa em dois grandes legados culturais; na Bíblia do cristianismo, que prega que a bondade propicia vida, justiça e honra. E no Alcorão, sagrado livro islâmico, onde está escrito que onde a bondade não traz benefícios, a violência também não trará. E assim por diante, podemos encontrar ao longo de toda história, nas mais diversas culturas e regiões, expressões que nos induzem e tentam nos mostrar que, embora a existência do bem e do mal seja incerta conceitualmente, a existência da tendência do ser humano praticar o bem, é real.

Quando buscamos agir conforme nossas virtudes, deixando de lado os vícios ou prazeres, buscamos a harmonia. O mal se sucede, muitas vezes, por um desequilíbrio de nossos desejos ou vontades. Daí se originam o egoísmo, a ambição, a preguiça, e tantos outros estados ou atitudes que podem provocar uma desordem, seja emocional, social ou física. Estar em harmonia com o mundo não só beneficia quem está ao seu redor, como também beneficia sua própria saúde. Dá-nos a capacidade de apreciar melhor os momentos alegres de nossas vidas, priva-nos de inúmeras doenças, dá-nos disposição e entusiasmo para viver este grande espetáculo que é a vida, é como um antídoto para um estado semelhante ao torpor, quando nos encontramos tristes, ou vamos contra nossa consciência, provocando o mal.

Portanto, partindo do princípio de que a bondade é a forma da ação ou de um pensamento moralmente positivo e a maldade seu oposto, num mundo contemporâneo que busca cada vez mais atitudes inteligentes, e que por vezes negligencia os sentimentos, seria uma escolha de extraordinária sabedoria buscarmos praticar o bem com perfeição, para que nossa coexistência possa favorecer cada ser vivo em nosso planeta. Ser bom, praticar o bem, preocupar-nos não apenas conosco mesmo, mas preferencialmente com o próximo, sermos exemplos de uma geração rica em bondade, além de apenas demonstrar grande sensibilidade, é a escolha mais inteligente.

Afinal, se numa situação hipotética descobríssemos a existência de um planeta longínquo com uma civilização superior a nossa, esta seria obrigatoriamente pacífica e benevolente. Pois uma civilização, com grande desenvolvimento tecnológico, teria grande poder destrutivo, e se esta civilização fosse hostil, não compartilhando de uma natureza ou ideologia pacífica, com tamanha tecnologia ela acabaria se destruindo. E isso nos permite refletir sobre toda destruição que nosso avanço tecnológico associado a interesses pessoais ou de um grupo exclusivo de pessoas já causou à humanidade, como nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, por exemplo. E nos faz refletir também acerca da necessidade humana de nos tornarmos uma sociedade profundamente pacífica, repleta de amor que se

responsabiliza por toda vida que compartilha nossa mesma casa, Terra, para que não sejamos alvos de nossa própria maldade e destruição.